

Otávio Delamiza.

**LUIGI PIRANDELLO**

71 ps.

**SEIS PERSONAGENS  
À PROCURA DE UM AUTOR**

Comédia

Tradução de  
*Brutus Pedreira*

**PREFÁCIO DO AUTOR**  
Tradução de  
*Elvira Rina Malerbi Ricci*

## P R E F Á C I O

Há muitos anos (mas parece ser desde ontem) encontra-se a serviço de minha arte uma empregadinha muito ágil e grande conhecedora de seu trabalho. Chama-se Fantasia.

Um pouco desaforada e zombeteira, ela gosta de trajar de preto e ninguém pode dizer que não faça isso por bizarria e que tudo o que faz não o faça sempre com muita seriedade e a seu agrado. Afunda a mão no bolso e puxa um barrete de chocalhos; coloca-o na cabeça, vermelho como uma crista, e sai pelo mundo afora. Hoje aqui, amanhã acolá. Seu divertimento preferido é trazer para dentro de minha casa, a fim de que as transforme em novelas, em romances ou em peças de teatro, as pessoas mais infelizes do mundo: homens, mulheres, rapazes, todos envolvidos nos casos mais estranhos, dos quais não sabem como se livrar, contrariados em seus projetos, defraudados em suas esperanças. Em suma, tratar com eles suscita mesmo uma pena imensa.

Ora, essa empregadinha, a tal Fantasia, há muitos anos, teve a má inspiração ou, se quiserem, o mal agourado capricho de trazer para minha casa uma família inteira. Não sei dizer onde nem como a encontrou, porém — como a empregadinha insistia — tratava-se de uma família que iria me proporcionar um excelente assunto para um romance maravilhoso.

Foi assim que, de repente, vi diante de mim um homem de aproximadamente cinqüenta anos, vestindo casaco preto e calças claras, de cenho franzido e olhos carregados;

uma pobre mulher de luto, pois era viúva, segurando pela mão, de um lado, uma menina de quatro anos e, de outro, um menino com pouco mais de dez; e, finalmente, uma jovem atrevida e procaz, vestindo-se, também ela, de preto, mas com ostentação equívoca e provocatória, espargindo, com certa alegria, frêmitos de desprezo mordaz contra aquele velho mortificado e contra um rapaz de uns vinte anos, que se mantinha afastado e calado como se desprezasse a todo mundo. Em suma, eram exatamente os mesmos seis personagens que agora vemos aparecer no palco, logo no início desta peça. Ora um, ora outro, porém, um procurando freqüentemente sobrepujar o outro, todos tentavam narrar-me os seus tristes casos, cada qual gritando as suas razões e lançando em minha cara as suas paixões descontroladas, mais ou menos como se comportam nesta peça, ao tratarem com o mal-aventurado diretor.

Acaso será que existe um autor capaz de indicar “como” e “por que” uma personagem lhe nasceu na fantasia? O mistério da criação artística é idêntico ao do nascimento natural. Uma mulher que ama poderá desejar muito ser mãe, porém, o desejo apenas, embora profundo e intenso, não é suficiente. Entretanto, um dia ela se tornará mãe, sem contudo ter-se apercebido do momento em que isso se deu. O mesmo acontece com o artista: vivendo, ele reúne em si um sem-número de germes de vida e nunca poderá afirmar “como” e “por que”, num determinado momento, um desses germes vitais penetrou a sua fantasia para tornar-se, também ele, uma criatura viva, no plano da vida superior, acima da volúvel existência de todos os dias.

Posso apenas dizer que, sem nunca ter procurado esses seis personagens que agora se vêem no palco, encontrei-os diante de mim, tão reais que os podia tocar, tão vivos que lhes ouvia a respiração. Estavam ali presentes, cada qual

com seu tormento secreto, unidos todos pelo elo do nascimento e do entrelaçamento de suas respectivas vicissitudes, e esperavam que os fizesse entrar no mundo da arte, compondo com suas pessoas, com suas paixões e fraquezas, um drama, um romance ou, no mínimo, uma novela.

Nascidos vivos, queriam viver.

Mas preciso confessar logo que nunca me agradou representar a figura de um homem ou de uma mulher, ainda que especial e característica, só pelo simples prazer de apresentá-la. Não sinto interesse nenhum em narrar um caso particular, alegre ou triste que seja, apenas pelo prazer de narrá-lo; bem como não me satisfaz descrever uma paisagem só pelo prazer de descrevê-la.

Existem, eu sei, escritores (e não são poucos) que, após alcançarem um prazer dessa espécie, dão-se por satisfeitos e não procuram mais nada. Certamente, trata-se de escritores que possuem uma natureza mais propriamente histórica.

Mas existem outros que não param aí. São dominados por uma necessidade espiritual mais profunda, e por isso não aceitam representar figuras, casos e paisagens que não estejam embevecidos, vamos dizer assim, por um sentido particular da vida, com que tudo assume um valor universal. São escritores cuja natureza é mais propriamente filosófica.

Eu tenho a má sorte de pertencer a estes últimos.

Odeio a arte simbolista, onde a representação perde por completo seu movimento espontâneo, tornando-se máquina, alegoria. Ela se me apresenta como esforço inútil e falso, pois o próprio fato de querer emprestar um sentido alegórico à representação mostra claramente que ela está sendo considerada como simples fábula, carente, em si mesma, de toda verdade, quer efetiva quer imaginária, e que foi excogitada meramente para servir de demonstração de

uma verdade moral qualquer. Ora, aquela necessidade espiritual à qual me refiro, não é possível satisfazê-la a não ser raramente, e só para emprestar um tom superior de ironia (como acontece, por exemplo, em Ariosto) ao simbolismo alegórico. Simbolismo que provém do conceito ou, melhor, é um conceito que tenta transformar-se, com esforço, numa imagem. Essa necessidade, ao contrário, não é um conceito e, na imagem, que deve permanecer totalmente viva e livre em sua expressão, busca um sentido que lhe confira valor.

Ora, apesar de todos os esforços, eu não conseguia descobrir esse sentido naquelas seis personagens e por isso julgava que não valia a pena dar-lhes vida.

Pensava comigo: "Já afligi bastante os meus leitores com centenas e centenas de novelas; por que haveria de afligi-los ainda com a narração dos casos dolorosos desses seis infelizes?"

E, em assim pensando, afastava-os de mim. Ou, antes, tudo fazia para mantê-los afastados.

Mas não é em vão que se dá vida a uma personagem. Criaturas do meu espírito, aqueles seis viviam já uma vida que era completamente a deles e não mais a minha: uma vida que não estava mais em meu poder negar a eles.

Isso era tão verdadeiro que, embora eu insistisse na determinação de afastá-los do meu espírito, eles — já quase totalmente libertados de qualquer suporte narrativo, personagens (de um romance) saídas por encanto das páginas do livro que os encerra — continuavam a viver por conta própria e aproveitavam de certos momentos do meu dia-dia para se apresentarem de novo a mim, na solidão do meu gabinete, um por um, ou dois juntos, e vinham tentar-me, propondo que representasse ou descrevesse esta ou aquela cena. Chegavam até a sugerir os efeitos que se pode-

riam conseguir, o interesse novo que poderia surgir de uma situação tão insólita, etc., etc.

Às vezes, deixava-me vencer por um momento; mas bastava esta pequena condescendência, esta fraqueza momentânea, para que eles conseguissem sempre novo impulso de vida, e, assim, se evidenciassem muito mais e adquirissem também maior eficácia persuasiva sobre mim.

Desta maneira, assim como para mim se tornava cada vez mais difícil livrar-me deles, assim para eles se tornava mais fácil voltar e tentar-me. A certa altura, isso transformou-se numa verdadeira e real obsessão, até que um dia estalou em minha cabeça a maneira de sair da dificuldade.

"Mas por que — disse para mim mesmo — não descrever um caso como este, realmente inédito, de um autor que se recusa a dar vida a algumas das suas personagens já nascidas vivas na fantasia dele, bem como o caso de como essas personagens, por possuírem definitivamente, em si próprias, a vida, não aceitam ficar fora do mundo da arte? Afinal elas estão separadas de mim, já vivem por sua conta, adquiriram voz e movimento, portanto, já se tornaram, por si mesmas, personagens dramáticas, mediante a luta pela vida que tiveram de travar comigo; personagens que podem mexer-se e falar por si sós; vêm a si próprias como personagens; aprenderam a se defender de mim e saberão defender-se igualmente dos outros. Então, vamos deixá-las ir para onde costumam se dirigir, a fim de poderem viver como personagens dramáticas: para o palco. E vamos ver o que acontece."

Assim fiz. Naturalmente aconteceu o que devia acontecer: uma mistura de trágico e de cômico, de fantasia e de realidade, numa situação humorística completamente nova e bastante complexa; uma verdadeira tragédia devido às personagens que a vivem e a sofrem já ao respirarem,

ao falarem e ao se mexerem. Tragédia que impõe, de toda maneira, sua representação e, finalmente, a comédia que sempre surge da tentativa vã de uma representação cênica feita de improviso. Com efeito, num primeiro momento assistimos à surpresa daqueles pobres atores de uma companhia dramática que estavam ensaiando, durante o dia, uma peça no palco sem praticáveis e cenários. Surpreendidos, eles não conseguiam acreditar em seus olhos, ao verem as seis personagens que se diziam personagens à procura de um autor. Depois a surpresa deles aumentou quando viram a Mãe, coberta com um véu preto, desfalecer, e perceberam que estavam se interessando, instintivamente, pelo drama que se entrevia nela e nos demais membros de tão estranha família: drama obscuro, ambíguo, que viera descabidamente parar num palco tão vazio e despreparado para recebê-lo. Os atores sentiam aumentar, cada vez mais, seu interesse pelo explodir contínuo das paixões contrastantes, ora do Pai, ora da Enteada, ora do Filho, ora da pobre Mãe. Paixões que, como disse, procuravam sobrepujar-se mutuamente, com fúria trágica, destruidora.

Eis aqui o sentido universal que, num primeiro momento, procurei em vão nas seis personagens: agora, depois de estarem no palco, são elas mesmas que o conseguem encontrar, através da concitação à luta desesperada que cada uma trava com a outra e, todas juntas, com o diretor e os atores que não conseguem compreendê-las.

Com efeito, cada uma delas, sem querer e sem saber, mediante a luta íntima que seu espírito exacerbado trava para defender-se das acusações recíprocas, expressa, com paixão viva e tormento profundo, todas as aflições que por muitos anos formaram o sofrimento do meu espírito, isto é, o engano da compreensão mútua irremediavelmente baseado na abstração oca das palavras; a personalidade de

cada um vista em sua multiplicidade, conforme as diferentes possibilidades do ser presentes em cada um de nós; e, finalmente, o trágico e imanente conflito entre a vida que continuamente se move e muda e a forma que, ao contrário, procura torná-la imutável.

Dois desses personagens, o Pai e a Enteada, expressam mais que os outros essa atroz e inevitável fixidez da forma, na qual tanto um como outra vêm gravada para sempre, de maneira imutável, a sua essência que, para o Pai, significa castigo e, para a Enteada, vingança. Essência que ambos defendem das caretas fictícias e da volubilidade inconsciente dos atores e que procuram impor ao pobre diabo do diretor, o qual, ao contrário, tenta alterá-la e adaptá-la às assim chamadas exigências do teatro.

Aparentemente, nem todas as seis personagens dão a impressão de encontrar-se no mesmo plano de formação, porém, não porque haja entre elas figuras de primeira e de segunda importância, isto é, “protagonistas” e “figurantes” — o que resultaria em perspectiva elementar, indispensável em qualquer arquitetura cênica ou narrativa —, nem tampouco pelo fato de não estarem todas completamente amoldadas para o que devem servir. Pelo contrário, todas as seis estão igualmente no mesmo ponto de realização artística, e todas as seis no mesmo plano da realidade, constituído pelo elemento fantástico da peça. Entretanto, o Pai, a Enteada e o Filho realizam-se como espiritualidade; a Mãe, como pura natureza; o Jovem que olha apenas e faz um único gesto, bem como a Menina completamente inerte como “presença”. Isto cria entre eles uma perspectiva de novo alcance.

Num primeiro momento, tive inconscientemente a impressão de que seria meu dever apresentar alguns mais realizados (artisticamente) do que outros; assim uns ficariam

como puros elementos, integrando simplesmente a história a ser narrada ou representada. Então o Pai e a Enteada seriam os mais completos do ponto de vista artístico, os mais cheios de vida, pois, por sua natureza, vêm na frente, dirigem e arrastam consigo o peso quase morto dos demais; o Filho apareceria como relutante; a Mãe seria representada como vítima resignada, colocada no meio daquelas duas criaturas cuja consistência é só aparente e que precisam ser conduzidas pela mão.

Claro! Seria extremamente justo que cada uma das personagens se mostrasse no exato estado de criação alcançado, na fantasia do autor, no momento em que este quis jogá-las fora de si mesmo.

Entretanto, ao refletir agora sobre tudo isso, sou levado a considerar como um verdadeiro milagre o fato de ter intuído essa necessidade, bem como o de ter encontrado, inconsciente, a maneira de resolvê-la mediante uma nova perspectiva e, ainda, a maneira com que consegui esta última. Não resta dúvida que a peça despontou realmente num instante de iluminação espontânea da fantasia, naquele momento feliz em que acontece, como por encanto, que todos os elementos do espírito se correspondem e operam um acordo divino. Nenhuma mente humana, por mais que se esforce em querer compreender friamente, não conseguirá penetrar e satisfazer todas as exigências que impõe a realização formal de uma peça. Por isso gostaria que as razões ora aduzidas para explicar-lhe os valores não fossem entendidas como intenções preconcebidas, já prontas e concluídas de antemão, quando me dispus à sua criação, de que agora assumo a defesa; mas como descobertas conseguidas por mim somente depois e com a mente calma e fria.

Quis representar seis personagens à procura de um autor; mas o drama, em seu aspecto trágico, não consegue

emergir cenicamente, porque falta o autor que elas procuram inutilmente. Ao contrário, o que emerge e se representa é o aspecto cômico resultante dessa tentativa inútil delas, junto com tudo aquilo que há de trágico no fato de as seis terem sido recusadas.

Mas acaso será possível representar uma personagem, recusando-a? Evidentemente, para representá-la, faz-se necessário primeiro seja aceita pela fantasia, e só depois expressada. E eu efetivamente aceitei e realizei aquelas seis personagens, porém aceitei-as e dei-lhes realidade como personagens recusadas: à procura de um outro autor.

Mas devemos entender bem o que recusei delas. Evidentemente, não elas próprias e sim o drama delas que, sem dúvida, interessava sobremodo a elas e de maneira nenhuma a mim, pelos motivos expostos acima.

Mas o que vem a ser para uma personagem o "seu próprio" drama?

Cada produto da fantasia, cada criação da arte deve, para existir, levar em si o seu próprio drama, isto é, o drama do qual e pelo qual é personagem. O drama é a razão de ser da personagem. É sua função vital, necessária para que ela possa existir.

Dessas seis personagens, portanto, aceitei o "ser" e recusei a razão de ser. Delas peguei o organismo, do qual tirei a função existente, emprestando-lhe outra mais complexa, onde a delas entra apenas como um dado de fato. Situação terrível e desesperadora, especialmente para o Pai e a Enteada que, mais do que as outras, fazem questão fechada de viver e, mais do que as outras, têm consciência de serem personagens, isto é, têm absoluta necessidade de possuírem um drama, vale dizer, o seu próprio drama, portanto, o único que possam imaginar para si mesmas, e, contudo, constatam ter-lhes sido recusado. Situação "impossí-

vel”, da qual são impelidas a sair a qualquer preço, por uma questão de vida ou de morte.

É bem verdade que eu lhes dei uma outra razão de ser e uma outra função — a que justamente surge dessa situação “impossível”: o drama de estarem à procura de um autor, em situação de recusadas —; mas elas, pelo fato de possuírem vida própria, não podem compreender que esta nova razão de ser possa tornar-se para elas a verdadeira função necessária e suficiente a fim de existirem. Nem sequer conseguem suspeitá-lo. E, inclusive, se alguém tentasse explicar-lhes isso, não acreditariam, pois não é possível acreditar que a única razão de nossa vida possa resumir-se completamente num tormento que se nos apresenta injusto e inexplicável.

Devido a isso não consigo sequer imaginar qual possa ter sido o fundamento para certos críticos afirmarem que a personagem do Pai não está bem moldada a seu papel porque — segundo eles — sai de sua posição e de sua qualidade de personagem para às vezes invadir a atividade do autor ou dela se apropriar.

Ora, eu, que procuro sempre compreender também os que não me compreendem, entendo que a restrição só pode provir do fato de que essa personagem apresenta como seu um tormento que, ao contrário, sabe-se claramente ser meu. O que é bem natural e não significa absolutamente nada. Deixando de lado a consideração das causas de que deriva o tormento espiritual, na personagem do Pai, causas pelas quais ele sofre e vive e as quais nada têm a ver com o drama de minha experiência pessoal (consideração esta que por si só já tira toda consistência à crítica), permito-me esclarecer que não se deve confundir duas coisas diferentes: o tormento imanente no meu espírito e que eu posso, legitimamente, emprestar a uma personagem,

desde que o faça de maneira orgânica, não se identifica com a atividade do meu espírito, empenhada na realização desse trabalho, vale dizer, a atividade que consegue dar forma ao drama dessas seis personagens à procura de um autor. Se o Pai tomasse parte nesta atividade, se concorresse na elaboração da forma do drama condensado no fato de as personagens não terem autor, então, sim (mas somente neste caso), se justificaria a afirmativa de que ele, às vezes, se torna autor e, portanto, foge de seu verdadeiro papel. Entretanto o Pai sofre, e não cria, o estado de ser “personagem à procura de autor”. Sofre-o como uma fatalidade inexplicável e como uma situação da qual procura subtrair-se com todas as forças, como situação que procura remediar. Portanto “personagem à procura de autor” e nada mais, embora expresse, como se fosse dele, o tormento do meu espírito.

Se, pelo contrário, tomasse parte na atividade do autor, conseguiria explicar claramente a si mesmo tal fatalidade; isto é, compreenderia que, embora como personagem recusada, foi aceito na fantasia do poeta e, assim, não haveria mais nenhuma razão para o desespero que o atormenta por não encontrar quem lhe dê vida e portanto quem o afirme como personagem. Quero dizer que ele aceitaría facilmente a nova razão de ser que o autor lhe atribui e renunciaria, sem lamúrias, à própria, mandando ao diabo o diretor e os atores, para os quais, ao contrário, se dirige como única forma de sobrevivência.

Há uma personagem, a Mãe, que, ao invés, não se interessa de maneira nenhuma pela vida, se “ter vida” é um fim em si mesmo. Nem sequer é alcançada de leve pela dúvida de se encontrar viva, nem jamais passou-lhe pela cabeça perguntar-se como, por que, de que modo o poderia ser. Em suma, não tem consciência de ser personagem, pois

nunca se separa, nem por um instante, do seu "papel". Nem sabe que tem um "papel". O que se lhe ajusta de maneira perfeitamente orgânica. Com efeito, o papel de Mãe, por ela representado, não admite, em si, em sua "natureza", atitudes espirituais. Ela não vive como espiritualidade. Vive numa continuidade de sentimento sem solução e, portanto, não pode adquirir consciência de sua própria vida, isto é, do seu estado de personagem.

Entretanto, no que pese tudo isso, ela também procura, à sua maneira e para os seus fins, um autor. Há um momento até que parece estar contente por ter sido levada à presença do diretor. Mas não certamente porque espere, também ela, *receber vida* por ele. Não. É porque espera do diretor a permissão de representar com seu filho uma cena onde colocaria muitíssimo de sua vida. Uma cena, porém, que não existe e nunca existiu ou poderá existir. Vejam, pois, quão longe está de ter consciência de seu estado de personagem, da única vida que lhe é permitido possuir. Vida fixada e expressa por completo, instante após instante, em cada um de seus gestos e palavras.

Ela se apresenta no palco com as demais personagens, mas nada compreende daquilo que lhe mandam fazer. Evidentemente imagina que a mania de ter vida, pela qual estão obcecados o marido e a filha e por causa da qual ela também se encontra no palco, outra coisa não seja senão uma das costumeiras e incompreensíveis loucuras daquele homem atormentado e atormentador, e — horrível — uma nova e equívoca extravagância de sua pobre menina transviada. É completamente passiva. Os fatos de sua vida e a importância que assumiram diante dos seus olhos, bem como o seu caráter, são coisas referendadas pelas outras personagens. Ela se manifesta apenas uma vez, obedecendo ao instinto materno que lhe insurge no íntimo e a

obriga a contraditar e esclarecer que não foi por sua vontade que deixou o filho e o marido: o filho foi-lhe arrancado e o marido foi quem lhe impôs o abandono. Mas isto é só para retificar os fatos, pois ela não sabe nada e não consegue explicar nada de nada.

Em suma, ela é "natureza", pura e simples. Natureza fixada numa figura de mãe.

Esta personagem proporcionou-me uma satisfação de tipo especial, que não deve ser calada.

Quase todos os meus críticos, ao invés de defini-lo, como de costume, com o epíteto de "desumano" — e que parece constituir o caráter peculiar e incorrigível de todas as minhas personagens, indistintamente —, tiveram a bondade de salientar "com verdadeiro agrado" que finalmente a minha fantasia conseguiu gerar uma figura *humaníssima*. Explico-me o elogio da maneira seguinte: esta pobre Mãe, por estar completamente amarrada a sua situação natural de mãe, sem possibilidade de nenhuma atitude espiritual livre — isto é, por ser quase um amontoado de carne vivendo exclusivamente pelas suas funções de procriar, amamentar, cuidar e amar a sua prole, sem precisar absolutamente usar a inteligência —, talvez realize o verdadeiro e perfeito "tipo humano". Aliás, só pode ser assim, pois, num organismo humano, nada parece mais supérfluo do que o espírito.

Mas os críticos, no que pese este elogio, livraram-se da Mãe com rapidez excessiva e não procuraram descobrir o núcleo dos valores poéticos que a personagem está a significar dentro da peça. Sem dúvida é uma figura *humaníssima* porque carente de espírito, isto é, por faltar-lhe a consciência de ser aquilo que é, e não se preocupar em querer compreendê-lo. Entretanto, o fato de ignorar que é personagem não lhe tira a qualidade de sê-lo. Eis aqui, em minha peça, o drama dela. Drama cuja manifestação mais viva



expressa-se por meio daquele grito lançado contra o diretor, quando este procura fazer-lhe compreender que tudo já acontecera e, portanto, nada mais há que possa constituir motivo para novo pranto: — “Não; acontece agora; acontece sempre! A minha dor não é fingida, Senhor! Eu sou viva e presente, sempre, a cada instante de minha dor que sempre se renova, viva e presente.” — Ela *sente* tudo sem consciência e, portanto, como algo inexplicável. Porém *sente-o* com tão grande terribilidade que sequer imagina poder explicá-lo para si e para os outros. *Sente-o* e basta. *Sente-o* como dor. Dor imediata que lhe arranca um grito lancinante. É desta maneira que, nela, a fixidez da vida que atormenta de outro modo o Pai e a Enteadada projeta-se numa forma. Enquanto estas duas últimas personagens são completamente espiritualidade, ela é apenas “natureza”. A espiritualidade rebela-se contra isso tudo ou, quando muito, procura tirar proveitos; a natureza, caso não seja instigada pelos estímulos dos sentidos, limita-se a chorar sobre tudo isso.

O conflito imanente entre o impulso vital e a forma é condição inexorável não apenas da ordem espiritual mas, igualmente, da ordem natural. A vida que se fixou na nossa forma corporal para poder existir destrói, aos poucos, a sua própria forma. O pranto dessa natureza materializada constitui o envelhecimento irreparável e contínuo do nosso corpo. O pranto da Mãe é, do mesmo modo, passivo e perpétuo.

Mostrado através de três aspectos diferentes, contido em três dramas diversos e simultâneos, esse conflito imanente encontra assim na peça sua mais completa expressão.

Ainda: a Mãe documenta também o valor especial, próprio da forma artística, forma que demonstra, mediante aquele grito lançado contra o diretor, que não compreende

nem mata a vida, porém, igualmente, não é destruída por ela.

Com efeito, se o Pai e a Enteadada repetissem mil vezes a cena, ouviríamos sempre, à mesma altura, isto é, no instante exato em que a obra de arte só pode ser expressa desse jeito, o mesmo grito, inalterado e inalterável em sua forma, porém não seria repetição mecânica imposta por necessidades externas e sim, cada vez, grito vivo e novo, surgindo sempre de improviso: um grito, gostaria de dizer, embalsamado vivo, em sua forma imperecível. É o que sempre acontece quando voltamos a ler o episódio de Francesca de Rimini, descrito na *Divina Comédia*: todas as vezes deparamos com uma Francesca viva, confessando a Dante seu doce pecado. Se voltássemos a ler ainda o episódio cem mil vezes, constataríamos, cem mil vezes, que Francesca fala as mesmas palavras, porém sem repeti-las mecanicamente, mas sempre como se fosse a primeira vez, isto é, com uma paixão tão viva e nova que Dante sentir-se-ia cada vez morrer novamente de compaixão. Tudo o que tem vida, justamente pelo fato de viver, possui forma e, por isso, está sujeito a morrer. Com a obra de arte, porém, acontece o contrário: ela se perpetua viva, justamente porque é a forma.

O nascimento de uma personagem criada pela fantasia humana — nascimento que marca o limite entre o nada e a eternidade — pode todavia acontecer também de improviso, imposto por uma necessidade. Numa peça que seja, por exemplo, fruto da pura imaginação, poderá apresentar-se a necessidade de uma personagem fazer ou dizer uma determinada coisa que seja indispensável. Eis então que a personagem nasceu, e é exatamente aquela, tal como haveria de ser. Assim, nasceu, entre as seis personagens, Madama Pace que, num palco que apresenta tudo tão realisti-

camente, parece até um milagre, ou melhor, um truque. Mas não é um truque. O nascimento é real. A nova personagem é viva não porque já era viva, e sim porque nasceu justamente conforme a sua natureza de personagem, vamos dizer, "obrigatória". Conseqüentemente aconteceu uma ruptura, uma mudança improvisada no plano da realidade cênica, porque uma personagem somente pode nascer desse modo na fantasia do poeta, não certamente no palco de um teatro. Sem que ninguém se apercesse, mudei de súbito a cena: sem tirá-la de debaixo dos olhos dos espectadores, mostrei a cena no exato momento em que estava se produzindo criativamente em minha fantasia, mas como se ela acontecesse naquele palco. A mudança repentina e incontrolada de uma cena, passando de um plano da realidade para outro, é um milagre comparável ao do santo que faz mexer a sua estátua. No momento em que a estátua se mexe, com certeza não é mais de madeira nem de pedra. Milagre, porém, não arbitrário. Devido também ao fato de abrigar a realidade imaginosa das seis personagens, aquele palco não existe em si e por si, isto é, como elemento fixo e inalterável. Aliás, nesta peça, nada há de predisposto e de pré-ordenado: tudo o que nela acontece e se desenvolve deve ser entendido como tentativa improvisada. Até mesmo o plano da realidade do lugar onde essa vida informe que aspira a ter uma forma, opera continuamente as suas formações, modifica-se organicamente. Quando tive a idéia de fazer Madama Pace nascer de improviso naquele palco, me apercebi que tinha as possibilidades para fazer isso. E a criei. Porém, se por acaso tivesse compreendido que o nascimento dela iria, silenciosa e inadvertidamente, abalar e reformular num instante o plano da realidade da cena, com toda certeza não o teria deixado acontecer, aterrorizado por sua ilogicidade aparente. Mas assim teria também imposto

à minha obra uma redução infeliz, restringindo-lhe e mortificando-lhe a beleza. Disso salvou-me o entusiasmo do meu espírito, contrapondo a uma falsa aparência lógica a verdadeira necessidade do acontecer desse nascimento imposto com misteriosa organicidade pela correlação com toda a vida da obra.

Se a esta altura alguém me objetasse que Madama Pace perde valor devido a sua expressão não ser ordenada mas caótica, e por isso peca por romantismo, eu daria francamente uma risada, mas compreenderia a razão de uma crítica de tal espécie. De fato, em minha peça, a representação do drama sofrido pelas seis personagens mostra-se tumultuada e nunca se processa com ordem. Nela falta desenvolvimento lógico e encadeamento nos acontecimentos. Isso corresponde à verdade. Com efeito, nem se tivesse procurado de lanterna na mão teria encontrado uma maneira mais desorganizada, mais esquisita, mais arbitrária e mais complicada — isto é, romântica — do que aquela que usei para representar "o drama que agita as seis personagens". Isso também corresponde ainda à verdade. Mas acontece que não quis, de forma alguma, representar esse drama e sim outro — e não ficarei repetindo qual! —, onde cada um pode encontrar, entre as diferentes coisas nele existentes e conforme seu gosto, até mesmo uma sátira aberta contra as técnicas românticas. Aquela forte agitação de paixões presente nas minhas personagens é sem dúvida muito própria das técnicas românticas, e foi colocada na peça fluando humoristicamente no ar, pois todas procuram acaloradamente sobrepujar-se umas às outras nos papéis que têm, num drama que é só delas, enquanto eu, ao contrário, as apresento como personagens de uma peça diferente, da qual elas não têm noção nem suspeita.

Por ter sido o drama representado, não como o teria

estruturado a minha fantasia, caso o tivesse aceito, mas, ao invés, como um drama recusado, ele só poderia aparecer, em minha peça, como “situação”, com algumas decorências; e só poderia realizar-se de maneira caótica, por acenos, tumultuosa e desordenadamente, por escorços violentos, sendo interrompido sistematicamente, desviado, contestado e até negado por um dos seus personagens e nem sequer vivido por dois outros. O Filho, pois, “nega” o drama. Nega justamente o drama pelo qual se torna personagem. A sua importância e o seu valor não surgem do fato de ser uma personagem da “peça a ser feita”, onde quase não aparece, mas do papel que se lhe atribui na representação. Em suma, é o único que vive somente como “personagem à procura de um autor”. Tanto é assim que o autor procurado por ele não é o dramático. E não podia ser diferente, porque a configuração desta personagem, em minha concepção, é tão orgânica quanto é lógico que ela suscite, portanto, numa situação de tal espécie, a maior confusão possível e uma enorme desordem, oferecendo um motivo a mais para um contraste romântico.

Mas era exatamente esse caos orgânico e natural que eu precisava representar. De maneira nenhuma isto implica em representar caoticamente, isto é, romanticamente. A minha representação não apenas não é confusa, mas é bem clara, simples e ordenada. O que se demonstra pelo fato de que, aos olhos das platéias do mundo inteiro, logo aparecem o enredo, os caracteres, os planos ideais e reais, dramáticos e cômicos da peça; bem como manifestam-se facilmente às pessoas de visão mais aguda os valores insólitos nela contidos.

Grande é a confusão das línguas entre os homens, se críticas dessa espécie conseguem encontrar palavras para se exprimirem. Tão grande essa confusão quanto perfeita

é a lei íntima da ordem, obedecida por completo, que torna clássica e típica a minha obra e não permite que seu final catastrófico seja expresso por palavra nenhuma.

Com efeito, quando já todos estão convencidos de que não é possível criar a vida por artifício nem representar o drama dessas seis personagens, por faltar o autor que lhes dê valor espiritual, o diretor, desejoso de conhecer o desdobramento do fato, insiste descabidamente para que venha a ser narrado até o fim. O Filho então o relata na sucessão material dos seus momentos, desprovido porém de qualquer sentido e, portanto, sem a necessidade da voz humana. O fato desaba assim sobre a cena, de maneira brutal e inútil, simultaneamente com a detonação de uma arma mecânica, despedaçando e aniquilando a tentativa estéril das personagens e dos atores. Tentativa aparentemente não assistida pelo poeta.

Mas o poeta, de longe, à revelia deles, observa durante o tempo todo esta tentativa e procura, com ela e por ela, dar forma a sua obra.

AS PERSONAGENS  
DA COMÉDIA POR FAZER

O PAI

A MÃE

A ENTEADA

O FILHO

O RAPAZINHO

A MENINA (estas duas últimas personagens não falam)

MADAMA PACE (depois, evocada)

## OS ATORES DA COMPANHIA

O DIRETOR-ENSAIADOR

*A PRIMEIRA ATRIZ*

O PRIMEIRO ATOR

*A SEGUNDA ATRIZ*

*A INGÊNUA*

O GALÃ

OUTROS ATORES E ATRIZES

O ASSISTENTE

O CONTRA-REGRA

O MAQUINISTA

O SECRETÁRIO DO DIRETOR

O PORTEIRO DO TEATRO

OUTROS EMPREGADOS DO PALCO

De dia, no palco de um teatro de comédia.

NOTA — A comédia não tem atos nem cenas. A representação só será interrompida, uma primeira vez, sem que desça o pano, quando o Diretor e a Personagem principal se retirarem para combinar o roteiro da peça e os Atores deixarem o palco; uma segunda vez, quando o Maquinista, por engano, fizer o pano descer.

*O público, ao entrar, encontrará o pano levantado e o palco sem bastidores nem cenário, tal qual é durante o dia, quase escuro e vazio, para dar, desde o começo, a impressão de um espetáculo não preparado.*

*Dois escadinhos, uma à direita e outra à esquerda, põem o palco em comunicação com a sala.*

*No palco, a caixa do ponto, colocada ao lado da abertura. Do outro lado, na parte baixa, uma mesinha e uma poltrona, de costas para a platéia, na qual se sentará o Diretor da companhia.*

*Outras duas mesinhas, uma pouco maior do que a outra, com cadeiras em volta, postas na baixa, prontas para serem utilizadas no ensaio, quando necessárias. Outras cadeiras espalhadas à direita e à esquerda, para os Atores. Ao fundo, de um lado, quase escondido, um piano.*

*Apagada a platéia, vê-se o Maquinista entrar pela porta do palco, de macacão azul e com o saco de ferramentas à cin-*

*tura. Apanha alguns sarrafos, num canto do fundo, levando-os para a baixa e pondo-se a pregá-los, ajoelhado no chão. Ao barulho das marteladas, entra, apressado, pela porta dos camarins, o Assistente de direção.*

O ASSISTENTE

Eh, você aí, que está fazendo? . . .

O MAQUINISTA

Martelando.

O ASSISTENTE

A esta hora? *(Olha o relógio)* Já são dez e meia. Daqui a pouco chega o Diretor para o ensaio.

O MAQUINISTA

Mas eu também preciso de tempo para trabalhar.

O ASSISTENTE

Você vai ter, mas não agora.

O MAQUINISTA

Quando? . . .

O ASSISTENTE

Quando não for mais hora de ensaio. Vamos, vamos, leve embora tudo isso, e deixe-me arrumar a cena para o segundo ato de *A Cada Qual Seu Papel*.

*(O Maquinista, indignado, resmungando, pega os sarrafos e vai embora. Entretanto, começam a entrar os Atores da*

*companhia, homens e mulheres, pela porta do palco; primeiro um, depois outro, mais dois, juntos, como quiserem; nove ou dez, quantos se supõe serem necessários para o ensaio da comédia. Entram, cumprimentam o Assistente e uns aos outros, dando-se bons-dias. Alguns irão para os camarins, outros, entre os quais o Ponto, que tem o texto enrolado debaixo do braço, ficam no palco, à espera do Diretor, para começar o ensaio, sentados em grupos ou de pé, conversando entre si. Um acende um cigarro, outro se lamenta por causa do papel que lhe foi distribuído, um terceiro lê para os colegas, em voz alta, notícias de um jornalzinho teatral. Será conveniente que, tanto as Atrizes como os Atores, estejam vestidos com roupas claras e alegres, e que esta primeira cena improvisada tenha, na sua naturalidade, muita vida e movimento. Num dado instante, um dos Atores senta-se ao piano e toca um trecho da dança; os Atores e Atrizes mais jovens começam a dançar.)*

O ASSISTENTE *(batendo palmas para chamá-los à ordem)*

Vamos, vamos, parem com isso. O Diretor vem aí!

*(O piano e a dança param repentinamente. Os atores ficam a olhar para a plateia, por cuja porta entra o Diretor que, de chapéu coco na cabeça, bengala debaixo*

*do braço e um charutão na boca, desce pelo corredor entre as poltronas, cumprimentado pelos Atores, sobe ao palco por uma das escadinhas. O Secretário entrega-lhe a correspondência: alguns jornais, um texto enfaixado.)*

O DIRETOR  
Cartas? . . .

O SECRETÁRIO  
Nenhuma. Toda a correspondência está aí.

O DIRETOR *(entregando-lhe o texto enfaixado)*  
Ponha-o no meu camarim. *(Olhando em volta e dirigindo-se ao Assistente)* Oh! Não se vê nada. Por favor, mande acender um pouco de luz.

O ASSISTENTE  
Pois não. *(Sai para dar a ordem.)*

*(Pouco depois o palco se iluminará, em todo o lado direito, onde estão os Atores, com uma viva luz branca. Entretanto, o Ponto entrou na sua abertura, acendeu a lampadazinha e abriu o texto diante de si.)*

O DIRETOR *(batendo palmas)*  
Vamos, vamos, comecemos. *(Ao Assistente)* Falta alguém? . . .

O ASSISTENTE  
Falta a Primeira Atriz.

O DIRETOR

Como sempre! *(Olha o relógio.)* Já estamos atrasados dez minutos! Faça o favor de pô-la na tabela, assim aprenderá a ser pontual nos ensaios.

*(Mal acaba de falar, e, da porta do fundo da platéia, se ouve a voz da Primeira Atriz.)*

A PRIMEIRA ATRIZ

Não, não, por favor! Estou aqui, estou aqui! *(Vem toda vestida com um chapelão petulante na cabeça e um cãozinho no braço. Desce correndo pelo corredor e sobe apressadíssima por uma das escadinhas.)*

O DIRETOR

A senhora jurou fazer-me esperar sempre! . . .

A PRIMEIRA ATRIZ

Desculpe-me, procurei tanto um automóvel para chegar a tempo! Mas vejo que ainda não começaram, e eu não entro logo em cena. *(Depois, chamando o Assistente pelo nome, entrega-lhe o cãozinho.)* Por favor, feche-o no meu camarim.

O DIRETOR *(resmungando)*

Ainda por cima o cãozinho! Como se fôssemos poucos, os quadrúpedes, aqui. *(Bate de novo as mãos e dirige-se ao Ponto.)* Vamos, vamos, o segundo ato de *A Cada Qual o Seu Papel.* *(Sentando-se na poltrona)* Atenção, senhores. Quem está em cena? . . .

*(Os Atores e Atrizes saem da baixa do*



*palco e vão sentar-se a um lado, exceto os três que iniciam o ensaio e a Primeira Atriz, a qual, sem prestar atenção à pergunta do Diretor, foi sentar-se diante de uma das mesinhas.)*

O DIRETOR (*à Primeira Atriz*)  
A senhora então está em cena?

A PRIMEIRA ATRIZ  
Eu? Não, senhor.

O DIRETOR (*aborrecido*)  
Então saia daí, pelo amor de Deus!

*(A Primeira Atriz levanta-se e vai sentar junto aos outros Atores que já se afastaram.)*

O DIRETOR (*ao Ponto*).  
Comece, comece.

O PONTO (*Lendo o texto*)  
“Em casa de Leone Gala. Uma estranha sala de jantar e de estudo.”

O Diretor (*ao Assistente*)  
Poremos o gabinete vermelho.

O ASSISTENTE (*anotando numa folha de papel*)  
O vermelho. Perfeitamente.

O PONTO (*continuando a ler*)

“Mesa posta e escrivaninha com livros e papéis. Estantes de livros e cristaleira com ricos objetos de mesa. Porta ao fundo abrindo para o quarto de dormir de Leone. Porta lateral, à esquerda, pela qual se vai à cozinha. Entrada à direita.”

O DIRETOR (*levantando-se e indicando*)

Bem! Prestem atenção: lá é a entrada, aqui, a cozinha. (*Indo ao Ator que fará o papel de Sócrates*) O senhor entrará e sairá por esta porta. (*Ao Assistente*) Ponha, ao fundo, uma porta de um só batente e pendure as cortinas. (*Senta.*)

O ASSISTENTE (*anotando*)  
Perfeitamente.

O PONTO

“Cena primeira. Leone Gala, Guido Venanzi, Filipe, chamado Sócrates.” (*Ao Diretor*) Devo ler também a rubrica? . . .

O DIRETOR

Claro! Claro! Já lhe disse mais de cem vezes!

O PONTO

“Ao levantar o pano, Leone Gala, com gorro de cozinheiro e avental, bate, com uma colher de pau, um ovo, numa tigela. Filipe bate outro, também com vestido de cozinheiro. Guido Venanzi escuta, sentado.”

O PRIMEIRO ATOR (*ao Diretor*)

Com licença: tenho mesmo de pôr um gorro de cozinheiro na cabeça? . . .

O DIRETOR (*chocado com a pergunta*)  
Parece-me que sim! Está escrito ali! (*Indica o texto.*)

O PRIMEIRO ATOR  
Desculpe, mas é ridículo! . . .

O DIRETOR (*saltando, furioso*)  
“Ridículo! Ridículo!” E que quer o senhor que eu faça, se não nos vem mais, da França, uma boa comédia e se estamos reduzidos a pôr em cena peças de Pirandello, que só os “iniciados” entendem, feitas, de propósito, de tal modo que não satisfazem nem aos atores nem aos críticos nem ao público? . . . (*Os Atores riem. Então o Diretor, levantando-se, vem para junto do Primeiro Ator e grita.*) O gorro de cozinheiro, sim, senhor! E bata os ovos! E pensa que, batendo ovos, não tem nada que fazer? Pois sim, vá esperando. Tem que representar a casca dos ovos que bate! (*Os Atores tornam a rir e começam a fazer comentários entre si, ironicamente.*) Silêncio! E prestem atenção quando explico! (*Voltando-se, de novo, para o Primeiro Ator*) Sim, senhor, a casca; ou, em outras palavras: a forma vazia da razão, sem o recheio do instinto, que é cego. O senhor é a razão e sua mulher, o instinto, num jogo de papéis preestabelecido, no qual o senhor, que representa o seu papel, é, voluntariamente, o fantoche de si mesmo. Compreendeu? . . .

O PRIMEIRO ATOR (*abrindo os braços*)  
Não!

O DIRETOR (*voltando para o seu lugar*)  
Nem eu tampouco! Vamos adiante, que no fim tudo dará

certo! (*Confidencial*) Não se esqueça de ficar sempre de três quartos, porque, se além do diálogo já ser confuso, o senhor não se fizer ouvir pelo público, então irá tudo por água abaixo! (*Batendo de novo as mãos*) Atenção! Atenção! Recomeçemos! . . .

O PONTO  
Com licença, senhor Diretor, permite que me cubra com a caixa? Há um ventinho por aqui!

O DIRETOR  
Pois não! Ponha a caixa, ponha!

(*Entretanto, o Porteiro do teatro entrou na sala com o boné agalado na cabeça e atravessou o corredor, entre as poltronas, aproximando-se do palco, para anunciar ao Diretor a chegada das Seis Personagens, que, tendo entrado também na sala, seguindo o Porteiro a certa distância, um pouco enleadas e perplexas, olham em redor.*)

*Quem quiser tentar o translado cênico desta peça, precisa valer-se dos meios possíveis, a fim de obter o máximo de efeito, no sentido de que estas Seis Personagens não se confundam com os Atores da Companhia. A disposição de uns e outros, indicada nas rubricas, quando aquelas subirem ao palco, sem dúvida, ajudará muito, assim como o colorido diferente da luz, por meio de refletores devidamente colocados. O meio mais eficaz e conveniente, porém, que aqui sugerimos é o uso de más-*

*caras para as Personagens, máscaras feitas expressamente de material que não amoleça com o suor e que sejam leves, para não incomodar os atores que as usarem. Devem ser fabricadas e cortadas de modo a deixar livres os olhos, o nariz e a boca. Desta maneira, interpretar-se-á também o sentido profundo da peça. As Personagens não deverão aparecer como "fantasmas", porém como "realidades criadas", construções imutáveis da fantasia e, por conseguinte, mais reais e consistentes do que a volúvel naturalidade dos Atores. As máscaras ajudarão a dar a impressão de rostos construídos artisticamente e cada qual fixado imutavelmente na expressão do próprio sentimento fundamental, que é, para o Pai, o remorso; para a Enteada, a vingança; para o Filho, o desdém; para a Mãe, a dor, com lágrimas fixas, de cera, na lividez das olheiras e ao longo da face, conforme se vêem, nas igrejas, em imagens esculpidas e pintadas da Mater Dolorosa. E os vestuários devem ser também de tecidos e feitos especiais, sem extravagância, com pregas rígidas e volume quase estatutuário, de modo que não dêem a idéia de terem sido feitos com fazendas que se podem comprar em qualquer loja da cidade, nem cortados e cosidos por uma costureira qualquer.*

*O Pai andar*á pelos 50 anos; entradas

*fundas, mas não calvo, cabelo ruivo, bigodinho espesso, quase encaracolado ao redor da boca ainda fresca, freqüentemente aberta num sorriso incerto e vão. Pálido, principalmente, na fronte ampla; olhos azuis, ovais, lucidíssimos e argutos. Veste calça clara e paletó escuro. Ora será melífluo, ora será áspero e duro.*

*A Mãe parece apavorada e esmagada por um peso intolerável de vergonha e aviltamento. Velada por espesso crepe de viúva, está humildemente vestida de negro e, quando levantar o véu, mostrará um rosto não dolente, mas como se fosse de cera, sempre de olhos baixos.*

*A Enteada, de 18 anos, é petulante, quase impudente. Belíssima, veste-se também de luto, mas com elegância vistosa. Mostra desprezo pelo ar tímido, aflito e enleado do irmãozinho, o Rapazinho esquelético, de 14 anos, vestido também de negro, e uma ternura vivaz pela irmãzinha, a Menina, de 4 anos, vestida de branco, com uma faixa de seda negra na cintura.*

*O Filho, de 22 anos, alto, quase inteirado num contido desprezo pelo Pai e numa carrancuda indiferença pela Mãe, veste um sobretudo leve, violeta, e um longo cachecol verde em torno do pescoço.*

O PORTEIRO (*com o boné na mão*)  
Com licença, senhor Diretor . . .

O DIRETOR (*abrupto, de maus modos*)  
Que é ainda?

O PORTEIRO (*tímido*)  
Estão aqui umas pessoas, perguntando pelo senhor.

*(O Diretor e os atores voltam-se surpresos, a olhar para a sala.)*

O DIRETOR (*furioso outra vez*)  
Mas estou ensaiando. E você bem sabe que, quando ensaio, não deve entrar ninguém. (*Olhando para o fundo da platéia*) Quem são os senhores? Que desejam? . . .

O PAI (*adiantando-se até uma das escadinhas, seguido pelos outros*)  
Estamos aqui à procura de um autor.

O DIRETOR (*entre espantado e irritado*)  
De um autor? Que autor?

O PAI  
Qualquer um, senhor.

O DIRETOR  
Mas aqui não há nenhum autor. Não estamos ensaiando nenhuma peça nova.

A ENTEADA (*com alegre vivacidade, subindo de corrida a escadinha*)

Tanto melhor! Tanto melhor, então, meu senhor. Poderemos ser nós a sua nova peça! . . .

UM ATOR (*entre os comentários rápidos e as risadas dos outros*)  
Oh! Escutem, escutem!

O PAI (*subindo ao palco, em seguida à Enteada*)  
Sim . . . mas se não há nenhum autor . . . (*Ao Diretor*)  
Salvo se o senhor quiser ser . . .

*(A Mãe, com a Menina pela mão, e o Rapazinho subirão os primeiros degraus da escadinha e ficarão ali, à espera. O Filho permanecerá embaixo, mal-humorado.)*

O DIRETOR  
Os senhores querem fazer graça? . . .

O PAI  
Não, em absoluto! Que está dizendo, senhor? Ao contrário, trazemo-lhes um drama doloroso.

A ENTEADA  
E poderemos fazer a sua fortuna!

O DIRETOR  
Façam-me o favor de ir embora! Não temos tempo a perder com loucos.

O PAI (*ofendido, mas melífluo*)  
Oh, senhor, sabe muito bem que a vida é cheia de infini-

tos absurdos, os quais, descaradamente, nem ao menos têm necessidade de parecer verossímeis. E sabe por que, senhor? Porque esses absurdos são verdadeiros.

O DIRETOR

Mas que diabo está o senhor dizendo? . . .

O PAI

Digo que, ao pensarmos nesses absurdos verdadeiros, que nem mesmo verossímeis nos parecem, vemos que a loucura consiste, justamente, no oposto: em criar verossímilhanças que pareçam verdadeiras. E essa loucura, permita-me que lhe observe, é a única razão de ser da profissão dos senhores.

*(Os Atores agitam-se, indignados.)*

O DIRETOR *(levantando-se e olhando-o de alto a baixo)*  
Ah, é? . . . Acha então que a nossa é uma profissão de loucos? . . .

O PAI

Hum! Fazer com que pareça verdadeiro o que não o é, sem necessidade . . . só por prazer. O ofício dos senhores não consiste em dar vida, na cena, a personagens imaginárias? . . .

O DIRETOR *(fazendo-se porta-voz da indignação crescente dos seus Atores)*

Pois eu lhe peço o favor de acreditar, meu caro senhor, que a profissão de ator é uma nobilíssima profissão! E, se hoje em dia os senhores teatrólogos modernos só nos dão peças cretinas para representar, e fantoches em vez

de homens, saiba que nos gloriamos de ter dado vida, aqui, sobre estas tábuas, a obras imortais!

*(Os Atores, satisfeitos, aprovam e aplaudem o Diretor.)*

O PAI *(interrompendo e falando com ímpeto)*

É isso mesmo! Exatamente! Dar vida a seres vivos, mais vivos que aqueles que respiram e vestem roupas! Menos reais, talvez, porém mais verdadeiros. Somos da mesma opinião.

*(Os Atores se entreolham, pasmados.)*

O DIRETOR

Mas como? Se, ainda agora, dizia . . .

O PAI

Não, desculpe: respondi ao senhor, que nos gritou não ter tempo para perder com doidos. E, no entanto, ninguém melhor do que o senhor pode saber que a natureza se serve da fantasia humana como instrumento para prosseguir, em nível mais alto, a sua obra de criação.

O DIRETOR

Está bem, está bem. Mas que pretende concluir com isso? . . .

O PAI

Nada, senhor. Demonstrar-lhe que, para a vida, se nasce de tantos modos, de tantas formas . . . Árvore ou pedra, água ou borboleta . . . ou mulher . . . E que se nasce também personagem!

O DIRETOR (*espanto fingido e irônico*)

E o senhor, com essas outras pessoas em volta, nasceu personagem? . . .

O PAI

Exatamente. E vivos, como nos vê.

*(O Diretor e os Atores desatam a rir, como se tratasse de uma brincadeira.)*

O PAI (*magoadado*)

Desagrada-me que riam dessa maneira, porque trazemos em nós, repito, um drama doloroso, o que é fácil perceber, pelo aspecto desta senhora velada de negro. *(Assim falando, estende a mão para ajudar a Mãe a subir os últimos degraus da escadinha e, continuando a segurá-la pela mão, a conduz, com certa solenidade trágica, para o outro lado do palco, que se ilumina, repentinamente, com uma luz fantástica. A Menina e o Rapazinho seguem a Mãe; depois, vai o Filho, que se mantém apartado, ao fundo; depois a Enteada, que fica também afastada dos outros, apoiada na boca de cena. Os Atores, a princípio estupefatos, depois admirados daquela evolução, rompem em aplausos, como se lhes estivessem oferecendo um espetáculo.)*

O DIRETOR (*primeiro pasmo, depois indignado*)

Acabemos com isto! Façam silêncio! *(Volta-se para as Personagens.)* E os senhores retirem-se! Saiam daqui! *(Ao Assistente)* Por Deus, faça-os sair! . . .

O ASSISTENTE (*avançando e depois parando, como que retido por estranho desânimo*)

Saiam!

O PAI (*ao Diretor*)

Não . . . não . . . mas escute . . . nós . . .

O DIRETOR (*gritando*)

De uma vez por todas: nós aqui temos que trabalhar!

O PRIMEIRO ATOR

Não é direito estar assim, a fazer troça! . . .

O PAI (*resoluto, avançando*)

Fico maravilhado da incredulidade dos senhores! Não estão habituados, porventura, a ver pularem vivos, aqui em cima, uma diante das outras, as personagens que foram criadas por um autor? Talvez porque não há ali *(indica a caixa do ponto)* um texto que nos contenha? . . .

A ENTEADA (*indo ao Diretor, sorridente e provocante*)

Creia, senhor, que somos, verdadeiramente, seis personagens interessantíssimas! Se bem que desperdiçadas! . . .

O PAI (*afastando-se*)

Sim, desperdiçadas, isso mesmo! *(Ao Diretor, subitamente)* No sentido de que o autor que nos criou vivos não quis, depois, ou não pôde, materialmente, meter-nos no mundo da arte. E foi um verdadeiro crime, senhor, porque quem tem a sorte de nascer personagem viva, pode rir até da morte. Não morre mais! Morrerá o homem, o escritor, instrumento da criação; a criatura não morre jamais! E, para viver eternamente, nem mesmo precisa possuir dotes extraordinários ou realizar prodígios. Quem era Sancho Pança? Quem era Dom Abbondio? E, no entanto, vivem na eternidade, porque, germes vivos, tiveram a felicidade de encontrar a matriz fecunda,

eternidade!

O DIRETOR

Tudo isso está muitíssimo bem. Mas que querem os senhores aqui?

O PAI

Queremos viver, senhor!

O DIRETOR (*irônico*)

Por toda a eternidade?

O PAI

Não, senhor, ao menos, por um momento, nos senhores.

UM ATOR

Oh, vejam só... vejam só!

A PRIMEIRA ATRIZ

Querem viver em nós!

O GALÃ (*indicando a Enteada*)

Quanto a mim, terei muito prazer, se me couber aquela ali!

O PAI

Vejam, vejam: a peça está por fazer; (*ao Diretor*) mas, se o senhor quiser e seus atores também, podemos arranjá-la agora mesmo, entre nós.

O DIRETOR (*aborrecido*)

Mas o que é que quer arranjar? Aqui não se fazem desses arranjos! Aqui se representam dramas e comédias.

O PAI

Pois então! Foi justamente por isso que viemos procurá-lo.

O DIRETOR

E onde está o texto?...

O PAI

Está em nós, senhor. (*Os Atores riem.*) O drama está em nós; somos nós! E é grande a nossa impaciência, o nosso desejo de representá-lo, impelidos que somos pela paixão que ferve dentro de nós e não nos dá trégua!...

A ENTEADA (*escarnecendo, com graça perversa, de afetada impudência*)

A minha paixão, se o senhor soubesse!... A minha paixão... por ele!... (*Indicando o Pai, quase o abraça, mas desata, depois, num riso estridente.*)

O PAI (*num repente de raiva*)

Fique em seu lugar, por enquanto! E peço-lhe que não ria assim!...

A ENTEADA

Não? Então, com licença: se bem que órfã, apenas há dois meses, vejam, senhores, como canto e como danço!

(*Trauteia com malícia o Prends Garde à Tchou-Tchin-Tchou, de Dave Stamper, reduzido a foxtrote ou a one-step lento por Francis Salabert; acompanhando a primeira estrofe com passo de dança:*

Les chinois sont un peuple malin,  
De Shangai à Pékin,  
Ils ont mis des écriteaux partout:  
Prenez garde à Tchou-Tchin-Tchou!

*Os Atores, principalmente os jovens, enquanto ela canta e dança, como atraídos por uma estranha fascinação, movem-se em direção a ela. Levantando de leve as mãos, como para agarrá-la. Ela se esquivava; e, quando os Atores rompem em aplausos, fica, durante a repreensão do Diretor, abstrata e longínqua.)*

OS ATORES E AS ATRIZES (*rindo e aplaudindo*)  
Muito bem! Bravos! Eslêndido!

O DIRETOR (*irado*)  
Silêncio! Pensam, por acaso, que estão num café-concerto? . . . (*Trazendo o Pai um pouco à parte, com certa consternação.*) Diga-me uma coisa: ela é doida? . . .

O PAI  
Não! Doida o quê! Pior! . . .

A ENTEADA (*indo, subitamente, ao Diretor*)  
Pior! Pior! Oh, lá, lá! Muito pior! Escute, por favor! Faça-nos representar já esse drama e verá que, num certo momento, quando Deus tirar este amorzinho aqui . . . (*Toma pela mão a Menina, que está junto à Mãe, e a leva ao Diretor.*) Vê como é linda? (*Levanta-a nos braços e a beija.*) Queridinha! queridinha! (*Põe-na de novo no chão e acrescenta quase sem querer, comovida*) Pois

bem: quando Deus tirar, de repente, este amorzinho àquela pobre mãe, e este imbecilzinho aqui (*traz para a frente o Rapazinho, puxando-o, de mau modo, pela manga*) fizer a maior das tolices, digna do cretino que ele é (*repele-o, com um empurrão, para a Mãe*), então verá que eu levanto vôo! Sim, senhor! levanto o vôo! . . . o vôo! E não vejo a hora disso, acredite, não vejo a hora! Porque, depois do que aconteceu, de muito íntimo, entre mim e ele (*mostra o Pai com um horrível esgar*), não posso mais me ver no meio desta gente, assistindo ao tormento daquela mãe, por causa daquele sujeito ali (*indica o Filho*), veja-o, veja-o, indiferente, glacial, pois é o filho legítimo, ele! Cheio de desprezo por mim, por aquele (*indica o Rapazinho*) e por esta criaturinha, que somos bastardos — compreendeu? — bastardos. (*Aproxima-se da Mãe e abraça-a.*) E a esta pobre mãe, que é a mãe comum de todos nós, ele não quer reconhecer como sua mãe também, e a considera, de alto a baixo, como mãe somente de nós três — os bastardos — vil! que ele é! (*Diz isso tudo rapidamente, com extrema excitação, e, ao chegar ao "vil", depois de aumentar a voz em "bastardos", pronuncia-o surdamente, quase cuspiendo.*)

A MÃE (*com infinita angústia, ao Diretor*)  
Senhor, em nome destas duas criaturinhas, suplicolhe . . . (*Sente-se desfalecer e vacila.*) Oh, meu Deus!

O PAI (*acudindo para sustê-la, com quase todos os Atores, aturdidos e consternados*)  
Pela Virgem Santíssima, uma cadeira, uma cadeira para esta pobre viúva!



OS ATORES (*acudindo*)  
Mas então é verdade? Está desmaiando mesmo?

O DIRETOR  
Uma cadeira aqui, depressa!

*(Um dos Atores traz uma cadeira. Os outros agrupam-se em roda, solícitos. A Mãe, sentada, procura impedir que o Pai levante o véu que lhe esconde o rosto.)*

O PAI  
Veja-a, senhor, veja-a . . .

A MÃE  
Não, por favor, não faça isso.

O PAI  
Deixe que a vejam! (*Levanta-lhe o véu.*)

MÃE (*levanta-se, cobrindo o rosto com as mãos, desesperadamente*)  
Oh, senhor, suplico-lhe que impeça este homem de realizar o seu propósito, que, para mim, é horrível!

O DIRETOR (*surpreso, aturdido*)  
Mas não sei mais onde estamos, nem de que se trata . . .  
(*Ao Pai*) Esta senhora é sua esposa?

O PAI (*rápido*)  
Sim senhor, é minha mulher.

O DIRETOR

E como é, então, que ela é viúva, se o senhor está vivo? . . .

*(Os Atores desafogam todos o seu espanto numa fragorosa risada.)*

O PAI (*magoado, com áspero ressentimento*)  
Não riam! Não riam assim, pelo amor de Deus! Este é, precisamente, o seu drama, senhores. Ela teve outro homem; outro homem que deveria estar aqui!

A MÃE (*num grito*)  
Não! Não!

A ENTEADA  
Ele teve a sorte de morrer há dois meses. Já lhe falei nisso. E, como pode ver, ainda estamos de luto.

O PAI  
Mas, se não está aqui, não é, contudo, porque esteja morto. Não está aqui porque — olhe para ela, senhor, por favor, e compreenderá logo. O seu drama não pôde consistir no amor de dois homens, pelos quais era incapaz de sentir coisa alguma — a não ser, talvez, um pouco de gratidão (não por mim, pelo outro). Não é mulher: é mãe. E o seu drama (intenso, senhor, muito intenso) consiste, de fato, inteiramente, nestes quatro filhos, dos dois homens que ela teve.

*A MÃE*

Eu? Que eu tive? Tem coragem de dizer que fui eu que os tive, como se fosse por mim, por minha própria vontade? Foi ele, senhor! Foi ele que me deu o outro, à força! Obrigou-me, sim, obrigou-me a ir embora, com o outro!

*A ENTEADA (com ímpeto, indignada)*

Não é verdade!

*A MÃE (admirada)*

Como não é verdade?

*A ENTEADA*

Não é verdade! Não é verdade! . . .

*A MÃE*

Que pode saber você?

*A ENTEADA*

Não é verdade! *(Ao Diretor)* Não acredite nela. Sabe por que diz isso? Por causa daquele ali. *(Indica o Filho.)* Porque vive mortificada, consumida pelo desprezo dele, e quer dar-lhe a entender que, se o abandonou quando tinha dois anos, foi porque ele *(indica o Pai)* a obrigou a isso.

*A MÃE (com força)*

Obrigou-me, sim, obrigou-me! Chamo Deus em testemu-

nho! *(Ao Diretor)* Pergunte a ele *(indica o Pai)* se não é verdade! Obrigue-o a dizer! Ela *(indica a Enteada)* não pode saber nada!

*A ENTEADA*

Sei que, enquanto estive com meu pai, a senhora sempre viveu em paz e contente. Negue-o, se é capaz.

*A MÃE*

Não nego, não . . .

*A ENTEADA*

Foi sempre cheio de amor, para a senhora, e de cuidados. *(Ao Rapazinho, raivosamente)* Não é verdade? Diga . . . Por que não fala, idiota?

*A MÃE*

Deixe esse pobre menino quieto! Por que quer fazer-me passar por ingrata, minha filha? Longe de mim ofender seu pai, não o faria, de modo algum. Apenas, respondi a ele *(indica o Pai)* que não foi por culpa minha, nem por meu gosto, que abandonei a sua casa e o meu filho.

*O PAI*

É verdade, senhor: fui eu! *(Pausa.)*

*O PRIMEIRO ATOR (aos colegas)*

Vejam só que espetáculo!

A PRIMEIRA ATRIZ  
E são eles que o dão a nós!

O GALÃ  
Ao menos, por uma vez . . .

O DIRETOR (*que começa a interessar-se vivamente*)  
Vamos ouvir! Vamos ouvir! (*E, assim dizendo, desce à platéia por uma das escadinhas e fica em pé, diante do palco, para ter, como espectador, a impressão da cena.*)

O FILHO (*sem sair de seu lugar, baixo, frio, irônico*)  
Sim, fiquem ouvindo e vão ver, agora mesmo, que rasgos de filosofia! Vai falar-lhes o Demônio da Experiência! . . .

O PAI  
Você é um cínico imbecil, e já lhe disse isto mais de cem vezes! (*Ao Diretor, que já está na platéia*) Escarnece de mim, senhor, por causa dessa frase que encontrei para desculpar-me.

O FILHO (*com desprezo*)  
Frases . . .

O PAI  
Frases! Frases! Como se não fosse o consolo de todos, diante de um fato que não se explica, diante de um mal

que nos consome, achar uma palavra que não diz nada e nos aquieta!

A ENTEADA  
Mesmo o remorso, e principalmente ele . . .

O PAI  
O remorso? Não é verdade; não o aquietei em mim apenas com palavras.

A ENTEADA  
Também com um pouco de dinheiro — sim, sim — com um pouco de dinheiro! Com as cem liras que ia oferecer-me em pagamento, senhores!

(*Movimento de horror dos Atores.*)

O FILHO (*com desprezo, à irmã*)  
Como isso é vil!

A ENTEADA  
Vil? Estavam lá, num envelope azul-claro, sobre a mesinha de mogno, na saleta dos fundos da loja de Madama Pace. Sabe, senhor, uma daquelas *madamas* que, com o pretexto de venderem *Robes et Manteaux*, nos atraem aos seus *ateliers* a nós, moças pobres, de boa família.

O FILHO  
E comprou, para si, o direito de tiranizar-nos a todos, com aquelas cem liras que ele ia pagar e que, por sorte — veja bem —, não teve, depois, motivo de pagar! . . .

Mas não estou inventando nada. Quero explicar-lhe...

O PAI

histórias!

Aqui não se inventam histórias! Aqui não se inventam

*A ENTEADA*

pretende fazê-lo acreditar, sem as devidas explicações!  
nomínia que, a meu respeito e com tanta ferocidade, ela  
ordem, senhor, e deixe-me falar! Não dê ouvidos às ig-  
Pudera! Assaltado desse modo! Imponha um pouco de

O PAI

Não compreendo mais coisíssima nenhuma!

O DIRETOR

Pode crer-me, senhor!

pálido, pallidíssimo, naquele momento! (*Ao Diretor*)  
é ele. (*Indica o Pai*) Mas asseguro-lhes que estava muito  
quase nua! Não coro mais, porque, agora, quem cora  
nhá-lo! Mas os senhores teriam de virar o rosto: estou  
claro, com as cem liras. Estou vendo-o! Poderia apa-  
da janela, a tal mesinha de mogno e o envelope azul-  
espelho grande, de moldura dourada, o biombo, e, diante  
o armário envidraçado dos mantôs; ali o sofa-cama, o  
nhor, ansiosa por viver aquela cena! A saleta... aqui,  
Vergonha? E a minha vingança! Estou vibrando, se-

*A ENTEADA (num rompanite)*

Que vergonha, minha filha! Que vergonha!...

*A MÃE (insurgindo-se)*

bendo! (*Desata a ttr.*)

Eh! Mas estivemos, mesmo, por um triz — fique sa-

*A ENTEADA*

*A ENTEADA*

Pois sim! A seu modo!

(*O Diretor, neste momento, sobe ao*

*palco para impor ordem.*)

O PAI

Mas, se todo o mal está nisto!... Nas palavras. Todos

trazemos dentro de nós um mundo de coisas: cada qual  
tem o seu mundo de coisas! E como podemos entender-  
nos, senhor, se, nas palavras que digo, ponho o sentido  
e o valor das coisas como são dentro de mim, enquanto  
quem as ouve lhes dá, inevitavelmente, o sentido e o va-  
lor que elas têm para ele, no mundo que traz consigo?  
Pensamos entender-nos... e jamais nos entendemos!  
Veja: a minha compaixão, toda a minha compaixão por  
esta criatura (*indica a Mãe*), ela a considerou a mais fe-  
roz das crueldades!...

*A MÃE*

Mas se você me expulsou!

O PAI

Vê? Está ouvindo? Diz que a expulsei. Acha que a expul-

*A MÃE*

Voce sabe falar: eu não sei... Mas, acredite, senhor,  
que, depois de se ter casado comigo... quem sabe por  
quê!... — (eu era uma pobre mulher, humilde...)

O PAI

Justamente por isso! Casete-me pela sua humildade, o que

*A INGENUA*  
Interessantissimo!

*O GALÃ*  
É um caso tão novo!

*O DIRETOR*  
Vai, sim, vai. Mas agora deixe-me ouvir.

*A PRIMEIRA ATRIZ*  
Com licença, senhor Diretor: o ensaio vai continuar?

*(Nesta altura, a Primeira Atriz, aborrecida por ver o Primeiro Aitor namorar a Enteadada, vem ao Diretor e pergunta)*

*O PAI*  
Se nos fosse dado prever todo o mal que pode nascer do bem que pensamos fazer! . . .

*A ENTEADA*  
E, mas pergunte-lhe agora que sorte nos trouxe a sua intelligência! . . .

eu amava em você, julgando. . . (Interrompe-se diante das negações dela. Abre os braços, desesperado pela impossibilidade de fazer-se comprehender. Dirigindo-se ao Diretor) Esta vendo? Diz que não! É espantosa, senhor — acredite —, é espantosa a sua surdez (bate na testa), a sua surdez mental! Coração tem, para os filhos! Mas surda, surda de cérebro, surda, senhor, até ao desespero!

*O DIRETOR*  
Uma pergunta: por que não mandava embora o seu secretário?

*O PAI*  
Não é verdade! Pensei fazer o bem deles e também o meu, confesso! Meu senhor, tinha chegado ao ponto em que não podia dizer uma palavra a um ou a outro, sem que imediatamente trocasses um olhar de comprehensão, sem que ela procurasse logo os olhos do outro para aconselhar-se, para saber como devia interpretar aquela minha palavra, para não irritar-me. Bastava isso — o senhor bem pode comprehender — para manter-me numa raiva continua, num estado de exasperação intoléravel! . . .

*A ENTEADA*  
E, em vista disso, ele o pensou, por eles — e o fez!

*O PAI*  
Pois não! Veja, senhor: eu tinha um subalterno, meu secretário, um pobre homem, devotadissimo, que andava, em tudo e por tudo, de acordo com ela (*indica a Mãe*), sem sombra de mal — note bem! — um homem bom, humilde e tão incapaz quanto ela — já não digo de fazer, mas de pensar no mal! . . .

*O DIRETOR (ao Pai)*  
Mas é preciso que o senhor se explique claramente! (*Senta-se.*)

*A PRIMEIRA ATRIZ (dando uma olhadela ao Primeiro Aitor)*  
Para quem se interessa por ele . . .

O PAI  
Foi o que fiz. Mandei-o embora. Mas vi então esta pobre mulher andar pela casa como perdida, como um animal sem dono que a gente recolhe por pena.

A MÃE

Pudera!

O PAI (*volta-se para ela, como que para antecipar-se-lhe,*

*rápido*)

O filho, não é?

A MÃE

Primeiro, tinha-me tirado o filho do peito, senhor!

O PAI

Mas não foi por crueldade! Foi para fazê-lo crescer sa-  
dio e robusto, ao contato da terra!

A ENTEADA (*indicando o Filho, irônica*)

Vê-se! . . .

O PAI (*rápido*)

É também culpa minha, se depois ficou assim? Entre-  
guei-o a uma ama-de-leite, fora da cidade, a uma campo-  
nesa, porque ela não me parecia bastante forte para ama-  
mentá-lo, apesar de ser de origem humilde. Foi por esta  
mesma razão que me casei com ela. Sempre ouvi dizer  
que as pessoas de nascimento modesto são mais fortes  
e sadias. . . . Crendices! . . . Mas que havemos de fazer?  
Sempre tive destas malditas aspirações a uma sólida sa-  
nidade moral! . . .

(*A Enteadada, neste ponto, solta nova e  
ruidosa gargalhada.*)

O PAI (*ao Diretor*)

Faça-a calar! É insupportável!

O DIRETOR

Cale-se! Deixe-me ouvir, Santo Deus! . . .

(*Com a reprensão do Diretor, a En-  
teada interrompe a gargalhada em meio e  
fica de novo absorta e longínqua. O Dire-  
tor desce à plateia para ler a impressão da  
cena.*)

O PAI

Não pude mais ver esta mulher (*indica a Mãe*) junto a  
mim. Não tanto pelo aborrecimento, pela opressão —  
verdadeira opressão — que me dava, quanto pela pena  
— uma pena angustiosa — que sentia por ela.

A MÃE

E mandou-me embora!

O PAI

Bem provida de tudo. Mandei-a para aquele homem —  
mandei-a, sim senhor — com o intuito de livrá-la de  
mim!

A MÃE

E para ele ficar livre!

O PAI

Também eu: concordo. E o resultado foi um grande mal.

Mas o que fiz, foi por bem . . . e mais por ela que por mim, juro! (*Cruza os braços no peito. Depois, voltando-se imediatamente para a Mãe*) Perdi você de vista, diga, perdi você de vista, até que ele a levou embora, de um dia para outro, sem eu saber, para outra cidade, totalmente impressionado por aquele meu interesse puro — pode crer, senhor —, absolutamente puro, sem qualquer segunda intenção, por mínima que fosse. Interessei-me, com uma ternura inacreditável, pela nova família que crescia. E disso ela também é testemunha. (*Indica a Enteadada.*)

**A ENTEADA**

E como! Pequena, pequena, sabe? — com as tranças pelas ombros e as calcinhas mais compridas do que a saia — pequena, assim — lembro-me de vê-lo diante do portão da escola, na hora da saída. (*Intencional*) Vinha ver-me crescer . . .

**O PAI**

Isso é perdido! É infame!

**A ENTEADA**

Não! Por quê?

**O PAI**

Infame! Infame! (*De repente, exaltado, em tom de exploração, ao Diretor*) A minha casa, senhor, depois que ela se foi! (*Indica a Mãe*), pareceu-me, de repente, vazia. Era o meu pesadelo, mas enchia-me a casa! Sozinho, parecia uma mosca sem cabeça, andando pelos quartos. Aquela ali! (*Indica o Filho*) criado fora, recém-chegado à casa, não me parecia meu filho. Faltando a mãe, cresceu por

si, à parte, sem nenhuma relação afetiva ou intelectual comigo. E então — parecerá estranho, senhor, mas é verdade — a princípio senti curiosidade, e depois, pouco a pouco, senti atração pela nova família dela, formada por obra minha, e esse sentimento começou a encher o vácuo que sentia ao redor de mim. Tinha necessidade, sim, necessidade de sabê-la em paz, toda entregue às mais simples tarefas da vida, feliz, porque alheia e distante dos complicados tormentos do meu espírito. E, para ter uma prova disso, ia ver aquela menina, à saída da escola! . . .

**A ENTEADA**

Pois sim que era por isso! Seguia-me, na rua; sortia para mim e, quando chegava à casa, dava-me adeusinho, com a mão — assim! Eu o olhava espantada, desconfiada. . . Não sabia quem era. . . Contei a mãe e ela deve ter compreendido logo que era ele. (*A Mãe move a cabeça, assentindo.*) Não me deixou ir à escola, durante uns dias. Quando voltei lá, tornei a vê-lo, à saída — engraçado! — com um embrulho grande, na mão. Aproximou-se, fez-me festas e tirou do embrulho um chapélio lindo, de palha da Itália, com uma guirlandazinha de rosas de mau, pequeninas. Era para mim!

**O DIRETOR**

Mas tudo isso é narrativa, meus senhores!

**O FILHO (*com desprezo*)**

Claro que é! Literatura! Literatura!

**O PAI**

Qual literatura, qual nada! Isso é vida, senhores, paixão!

O DIRETOR  
Sera. Mas irrepresentável!

O PAI  
De acordo, porque todos esses são fatos anteriores. Eu não digo que se represente isso. Como vê (*indica a Enleada*), ela não é mais aquela garotinha, com as tranças pelo ombro . . .

A ENTEADA

. . . e as calcinhas abaixo da saia!

O PAI

E agora que o drama começa! Complexo . . . novo . . .

A ENTEADA (*sombria, ativa, adiantando-se*)

Assim que meu pai morreu . . .

O PAI (*rápido, para não lhe dar tempo de falar*)

. . . a miséria, senhor! Voltam para cá, sem eu saber. Por tolice dela. (*Indica a Mãe*) Mal sabe escrever, mas podia mandar a filha ou aquele rapaz escrever-me dizendo que estavam passando necessidades!

A MÃE

Diga-me, senhor, se eu podia adivinhar nele todos esses sentimentos.

O PAI

Esse foi justamente o seu erro: não ter nunca adivinhado nenhum dos meus sentimentos!

A MÃE  
Depois de tantos anos de afastamento e depois de tudo o que aconteceu . . .

O PAI

Que culpa tenho eu se aquele homem levou vocês embora assim, sem mais nem menos? ( *Ao Diretor*) Foi como lhe digo: de um dia para outro, porque tinha encontrado não sei que emprego, fora daqui. Não me foi possível seguir-lhes o rastro e então, é lógico, fui-me desinteressando. Durante tantos anos! O drama estoura, senhor, imprevisto e violento, com a volta deles, quando eu, levado — ai de mim! — pela miséria da minha carne ainda viva . . . Ah! miséria, verdadeira miséria para um homem solitário que não tenha querido ligações aviltantes; não tão velho ainda que possa passar sem mulher, e não mais tão jovem que lhe seja possível, facilmente e sem envergonhar-se, andar à procura delas! Miséria? — que digo! horror, horror, porque mulher alguma pode mais dar-lhe amor. — E, quando se compreende isto, se deveria desistir, de vez . . . Qual . . . Senhor, cada qual se veste com a sua dignidade por fora, diante dos outros; mas dentro de si sabe muito bem tudo de inconfessável que se passa no seu íntimo. Cedemos, cedemos à tentação, para reerguer-nos logo depois — Deus sabe como! — com grande pressa de recompor, íntera e sólida, como quem põe uma pedra sobre um túmulo, a nossa dignidade, que esconde e sepulta aos nossos próprios olhos todo sinal e até mesmo a lembrança da vergonha! E assim com todos! O que falta é apenas a coragem de dizer certas coisas!

A ENTEADA

Porque a de fazê-las depois, todos a têm!



O PAI

Todos! Mas, escondido! E por isso é preciso maior coragem para dizê-las! Porque basta que um as diga e — pronto! — grudam-lhe o rótulo de cínico. No entanto, não é verdade, senhor: é como todos os outros; melhor talvez, melhor porque não tem medo de descobrir, com a luz da inteligência, o rubor da vergonha lá no fundo da bestialidade humana que fecha sempre os olhos para não vê-lo. E a mulher — sim —, a mulher, em verdade, como é? Olha-nos, provocadora, convidativa... E quando a agarramos, mal a apertamos contra nós, fecha logo os olhos. E o sinal da sua submissão. O sinal com que diz ao homem: "Fica cego; eu estou cega!"

A ENTEADA

E quando não os fecha mais? Quando não sente mais a necessidade de esconder de si própria, fechando os olhos, o rubor da sua vergonha e, em vez disso, vê, com olhos agora áridos e impassíveis, o rubor do homem que, mesmo sem amor, ficou cego? Ah! que asco então, que nojo de todas essas complicações intelectuais, de toda essa filosofia que descobre a besta e depois quer salvá-la, desculpá-la... Não posso ouvi-lo, senhor! Porque, quando se é constrangido a "simplificar" a vida — assim, bestialmente, pondo fora o estorvo "humano" de toda e qualquer aspiração casta, de todo e qualquer sentimento puro, idealismo, deveres, o pudor, a vergonha — nada há que provoque mais desprezo e náusea do que certos remorsos: lágrimas de crocodilo!

O DIRETOR

Vamos aos fatos, meus senhores, vamos aos fatos! Isso são discussões.

O PAI

Exatamente! Mas um fato é como um saco: vazio, não fica de pé. Para que fique de pé, é preciso pôr-lhe dentro a razão e o sentimento que o determinaram. Eu não podia saber que, morto aquele homem, e com eles de volta para cá, na miséria, para atender ao sustento dos filhos ela (*indica a Mãe*) costurasse para fora e fosse justamente trabalhar para aquela... aquela Madama Pace!

A ENTEADA

Modista fina, se os senhores querem saber. Serve, em aparência, as melhores senhoras, mas tem tudo disposto para que estas melhores senhoras depois a sirvam, por sua vez, a ela... sem prejuízo das outras assim assim!

A MÃE

Acredite, senhor, garanto-lhe que não me passou pela cabeça, nem de leve, a suspeita de que aquela megera me dava trabalho porque estava de olho na minha filha...

A ENTEADA

Pobre mamãe! Sabe o que aquela Madama Pace fazia assim que eu lhe entregava o trabalho de minha mãe? Mandava-me tomar nota dos vestidos que lhe dera para coser e que não estavam bem feitos, e descontava no preço combinado... E assim, o senhor compreende, quem pagava era eu, enquanto esta pobrezinha pensava sacrificar-se por mim e por aqueles dois, costurando, mesmo durante a noite, a roupa de Madama Pace.

(Gestos e exclamações de desprezo dos  
Atores.)

O DIRETOR (*subitamente, à Enteadada*)  
E lá, um dia, encontrou-se...

A ENTEADA (*indicando o Pai*)  
... com ele, sim senhor, com ele, velho cliente! Vera  
que cena para representar! Espêndida!

O PAI  
Com a chegada imprevista dela, da mãe...

A ENTEADA (*rápida, perfidamente*)  
... quase a tempo!

O PAI (*gritando*)  
Não! A tempo! A tempo! Porque eu, por sorte, a reco-  
nheci a tempo! E levei-a para casa, senhor! Imagine  
agora a situação minha e dela — um diante do outro!  
Ela assim como está vendo, e eu, sem poder olhá-la no  
rosto!

A ENTEADA

Engraçadíssimo! Mas diga-me, senhor, uma coisa: era  
possível pretender que eu — depois do que houve — me  
comportasse como uma donzela tímida, bem-educada e  
virtuosa, de acordo com as suas malditas aspirações “a  
uma sólida sanidade moral”?

O PAI

O drama para mim está todo nisto: na convicção que  
tenhamos de que cada um de nós julga ser “um”, o que não  
é verdade, porque é “muitos”; tantos quantas as possibi-  
lidades de ser que existem em nós: “um” com este; “um”  
com aquele — diversíssimos! E com a ilusão, entretanto,  
de ser sempre “um para todos”, e sempre “aquele um”  
que acreditamos ser em cada ato nosso. Não é verdade!  
Não é verdade! Percebemos bem isso quando, em qual-  
quer de nossos atos, por um acontecimento infeliz, fica-  
mos como que engançados e suspensos e nos damos  
conta de não estarmos por inteiro naquele ato e que seria,  
portanto, uma injustiça atroz julgar-nos só por isso, man-  
ter-nos engançados e suspensos no pelourinho durante  
uma existência inteira, como se toda ela se resumisse na-  
quele ato! Compreende agora a perfdia desta moça?  
Surpreendeu-me num lugar, num ato, onde e como não  
devia conhecer-me, como eu não podia ser, em relação  
a ela; e quer dar-me uma realidade que eu jamais poderia  
imaginar que tivesse de assumir para com ela, num mo-  
mento fugaz e vergonhoso da minha vida! Isto, isto, se-  
nhor, é o que eu sinto, acima de tudo. E é isto o que  
dá ao drama um imenso valor. Mas há, ainda, a situação  
dos outros! A sua... (*Indica o Filho.*)

O FILHO (*movendo-se desabrido, desdenhoso*)  
Deixe-me de parte, que eu não entro nessa história.

O PAI  
Como não entra?

O FILHO  
Não entro nem quero entrar. Bem sabe que não fui feito  
para figurar aqui, no meio de vocês!

faz supor que ele lhe deve e que tem de dá-lo, porque  
é sua obrigação dá-lo. . .

O PAI

. . . e é, de fato, obrigação minha: é para sua mãe!

O FILHO

Que sei eu, de tudo isso? Quando a vi, senhor? Quando  
ouvi falar nela? Vejo-a vir, um dia, em sua companhia  
(*indica a Enteadada*), com aquele Rapazinho e aquela Me-  
nina. Dizem-me "Sabe? E também sua mãe". Consi-  
go perceber pelos modos dela (*indica a Enteadada*), o motivo  
pelo qual, assim, sem mais nem menos, de um dia para  
outro, entraram pela casa adentro. Senhor, o que eu expe-  
rimento, o que eu sinto, não posso e não quero dizer!  
Poderia, no máximo, confia-lo, na mais absoluta reserva,  
mas não quero fazê-lo nem a mim mesmo. Como vê,  
pois, isso não pode dar motivo a nenhuma ação, de mi-  
nha parte. Cria, senhor, acredite que sou uma persona-  
gem não "realizada", dramaticamente, e que estou mal,  
muitíssimo mal, na companhia deles! Deixem-me  
quieto!

O PAI

Mas. . . não pode ser! Se — justamente porque você é  
assim. . .

O FILHO (*com violenta exasperação*)

. . . e sabe você como sou eu? Quando se importou co-  
migo? . . .

O PAI

Concordo! Concordo! E esta não é também uma situa-

A ENTEADA  
De nós, gente vulgar! — De qualidade, ele! Mas o se-  
nhor pode ver que, todas as vezes em que ponho os olhos  
nele para transpassá-lo com o meu desprezo, outras tan-  
tas ele baixa os seus — porque sabe o mal que me fez!

O FILHO (*olhando-a cuspito*)

Eu? . . .

A ENTEADA

Você, Você! A você devo o *rendez-vous*, meu caro, a  
você! (*Gesto de horror dos Atores*) Impediu ou não,  
com a sua atitude, já não digo a intimidade da casa, mas  
aquela caridade que consiste em pôr os hóspedes a seu  
gosto, sem constrangimento? Fomos os intrusos que vie-  
ram invadir o reino da sua "legitimidade"! Senhor, gos-  
taria de fazê-lo assistir a certas cenazinhas a sós, entre  
mim e ele! Diz que tenho tiranizado a todos. . . Mas,  
o senhor está vendo? Foi justamente por essa atitude sua  
que me utilizei daquilo que ele chama de "vil": a razão  
que me permitiu entrar na sua casa com minha mãe —  
que é também mãe dele — como patroa!

O FILHO (*adiantando-se lentamente*)

Todos têm bom jogo, senhor. Uma partida fácil: todos  
contra mim. Imagine, porém, um filho que está tranqüila-  
mente em casa e vê chegar, um belo dia, cheia de petulân-  
cia, assim, "de olhos no alto", uma jovem que lhe per-  
gunta pelo pai, ao qual tem que dizer não sei o quê!  
Depois a vê voltar, sempre com o mesmo ar, acompa-  
nhada daquela pequenina ali e, por fim, tratar o pai —  
quem sabe por que motivo — de um modo muito ambi-  
guo e "desembaraçado", pedindo dinheiro, num tom que

gão? Esse seu isolamento, tão cruel para mim, para sua mãe, que, de volta para casa, o vê quase pela primeira vez, já grande, e não o conhece, mas sabe que é seu filho... (Indicando a Mãe ao Diretor) Está vendo? ... chora!

*A ENTREADA (com raiva, batendo o pé)*  
Como uma cretina!...

O PAI (rápido, indicando-a também ao Diretor)  
E ela não pode suportar isso, é claro!... (Volta a referir-se ao Filho.) Quer que o deixem de lado, diz que não entra nisso e, no entanto, quase que é ele o eixo da ação. Veja aquele rapazinho que está sempre junto da mãe, assustado, humilhado... É assim por causa dele! Talvez a situação mais penosa seja a sua: sente-se como se fosse um estranho, mais do que qualquer outro, e vive, coitado! Iinho, numa angustiosa mortificação, por ter sido acolhido, em casa, assim, por compaixão... (Confidencial.) Parece-se, em tudo, com o pai! Humilde, não fala...

O DIRETOR

Eh, mas, para falar a verdade, isso não me agrada muito! O senhor não imagina as complicações que causam as crianças em cena...

O PAI

Oh, mas este acaba logo com a complicação, pode ficar tranquilo. E aquela menina também, que é, além do mais, a primeira a ir embora...

O DIRETOR

Ótimo! Garanto-lhe que tudo isto me interessa... me

interessas, mesmo, muito. Percebo, vejo que é assunto de que se pode tirar um belo drama.

*A ENTREADA (lenta introneter-se)*  
Com uma personagem como eu! eu!

O PAI (afastando-a, cheio de ansiedade pela decisão do Diretor)  
Cale a boca!

O DIRETOR (continuando, sem fazer caso da interrupção)  
Novo, sim...

O PAI  
Oh! Novíssimo, senhor!

O DIRETOR  
Mas é preciso ter, de fato, coragem para vir pô-lo diante de mim, desse modo...

O PAI  
O senhor compreende: nascidos, como fomos, para a cena...

O DIRETOR  
São amadores?

O PAI  
Não! Digo: nascidos para a cena... porque...

O DIRETOR  
Ora, deixe-se disso! O senhor já deve ter representado!...

O DIRETOR  
Sim, mas é preciso, de qualquer modo, alguém que o es-  
creva!...

O PAI  
Não — que o transcreva, quando muito, tendo-o assim,  
diante de si, em ação, cena por cena. Bastará combinar,  
primeiro, apenas um roteiro, e ensaiar!

O DIRETOR (*subindo, tentado, para o palco*)  
Hummm! O senhor quase, quase, me está tentando...  
Assim, por brincadeira... poderíamos, mesmo, experi-  
mentar.

O PAI  
Sim, sim, meu senhor! Verá que cenas surgirão! Posso  
indicá-las já, se quiser!

O DIRETOR  
Está me tentando... esta me tentando... Vamos ver  
um pouco o que é que dá... Venha comigo ao meu ca-  
marim. (*Dirigindo-se aos Atores*) Vocês estão livres, por  
um momento, mas não se afastem muito. Dentro de um  
quarto de hora, vinte minutos, estejam de novo aqui. ( *Ao  
Pai*) Vejamos, vamos experimentar. Talvez consigamos  
tirar disso qualquer coisa de extraordinário...

O PAI  
Sem dúvida! Será melhor fazê-los vir também, não acha?  
(*Indica as outras Personagens.*)

O DIRETOR  
Sim, sim, venham, venham. (*Encaminha-se para sair.*)

O PAI  
Não, senhor: somente o que cada qual representa, no pa-  
pel que escolheu ou que os outros lhe deram na vida.  
E depois, em mim, é a própria paixão — veja — que,  
apenas se exalta, torna-se sempre, por si mesma, um  
pouco teatral — como em todos...

O DIRETOR  
Está bem, está bem. Mas, meu caro senhor, compreen-  
derá que, sem o autor... — Eu poderia apresentá-lo a  
alguém...

O PAI  
Não, não, escute: seja o senhor!

O DIRETOR  
Eu? Mas que está dizendo?...

O PAI  
Sim, o senhor, o senhor! Por que não?

O DIRETOR  
Porque nunca fui autor, ora essa!

O PAI  
E não o poderia ser agora!... Não é preciso nada! Há  
tantos que o são! E o seu trabalho seria ainda mais fácil,  
porque estamos todos aqui, vivos, diante do senhor.

O DIRETOR  
Mas não basta!

O PAI  
Como não basta? Vendo-nos viver o nosso drama...

*mas volta-se e dirige-se aos Atores.)* Sejam pontuais, hein? Não esqueçam. Daqui a um quarto de hora. (O Diretor sai e as Seis Personagens atravessam a cena e saem. Os atores, pasmados, ficam a olhar-se entre si.)

O PRIMEIRO ATOR  
Mas está falando sério? . . . Que quer fazer? . . .

O GALÃ  
Isso é doidice, e da boa!

O TERCEIRO ATOR  
Quer fazer-nos improvisar um drama, assim, do pé para a mão?

O GALÃ  
Nem mais, nem menos! Como os atores da Commedia dell'Arte.

A PRIMEIRA ATRIZ

Ah! Se ele pensa que vou prestar-me a semelhante patacoada . . .

A INGENUA

E que não conte comigo, tampouco.

UM QUARTO ATOR

Gostaria de saber quem são aqueles lá. (Aludindo às Personagens.)

O TERCEIRO ATOR

Quem quer você que sejam? Doidos ou trapaceiros!

O GALÃ  
E ele se presta a escutar o que dizem? . . .

A INGENUA  
A vaidade! A vaidade de figurar como autor!

O PRIMEIRO ATOR  
Contado, ninguém acredita! Se o teatro, meus amigos, vai reduzir-se a isso! . . .

UM QUINTO ATOR  
A mim, me diverte!

O TERCEIRO ATOR  
Eh! . . . Afinal de contas, vejamos o que sai daí . . .

(E, conversando assim entre si, os Atores saíram de cena: parte, pela portinha, ao fundo; parte, entrando em seus camarins. O pano continua levantado. A representação fica interrompida por vinte minutos, mais ou menos.)

*A campainha do teatro avisará que o espetáculo vai recommear.*

*Dos camarins, da porta e também da sala voltará para o palco os Atores, o Assistente, o Maquinista, o Ponto, o Contra-regra e, simultaneamente, do seu camarim, o Diretor com as Seis Personagens. Apagadas as luzes da sala, o palco se iluminará com a mesma luz do ato anterior.*

O DIRETOR

Vamos, vamos! Estamos todos aqui? Atenção, atenção! Vamos começar! — Maquinista!

O MAQUINISTA

Pronto!

O DIRETOR

Monte depressa o cenário da saleta. Bastam dois laterais e um fundo com a porta. Mas depressa, por favor!

*(O Maquinista, rápido, vai cumprir a ordem e, enquanto o Diretor combina a re-*

*presentação iminente com o Assistente, o Contra-regra, o Ponto e os Atores, dispo-  
rao aquelle simulacro de cena que o Dire-  
tor determinou: dois laterais e um fundo  
com a porta de listras cor-de-rosa e ouro.)*

O DIRETOR (ao Contra-regra)  
Veja se há um divã na contra-regra.

O CONTRA-REGRA

Tem, sim senhor, aquelle verde.

A ENTEADA

Não, não. Que o quê! Verde nada! Era amarelo, de pel-  
cia, com flores e muito grande. Comodíssimo!

O CONTRA-REGRA

Ah! Assim não tem.

O DIRETOR

Mas não importa. Ponha esse mesmo que está aí.

A ENTEADA

Não importa? Como? O famoso "ganha-pão" de Ma-  
dama Pace?

O DIRETOR

É para ensaiar, agora. Por favor, não interfira. (Ao As-  
sistente) Veja se há um armário envidraçado, de preferên-  
cia comprido e baixo.

A ENTEADA

É a mesinha, a mesinha de mogno, para o envelope  
azul-claro. . . .

O ASSISTENTE (ao Diretor)  
Tem aquella pequena, dourada.

O PAI

O espelho grande, de moldura dourada.

A ENTEADA

É o biombo! Um biombo, por favor: senão, como me  
arranjo? . . .

O ASSISTENTE

Sim, senhor, biombo temos muitos; fique tranqüila.

O DIRETOR (a Entead)

É depois alguns cabides de pé, não é?

A ENTEADA

Sim, muitos, muitos.

O DIRETOR (ao Assistente)

Veja quantos há e mande trazê-los.

O ASSISTENTE

Sim, senhor. Encarrege-me disso.

(O Assistente também sairá apressado  
para executar a ordem do Diretor; e, en-  
quanto este continuava a falar com o  
Ponto e depois com as Seis Personagens  
e os Atores, fard transportar pelos Ajudan-  
tes de contra-regra os móveis indicados e  
os arrumará como lhe parecer mais conve-  
niente.)



O DIRETOR (ao Ponto)

Você, enquanto isso, pode ir para o seu lugar. Olhe, este é o roteiro das cenas, ato por ato. (Entrega-lhe algumas folhas de papel.) Mas agora é preciso que faça uma proeza.

O PONTO

Qual? Estenografar?

O DIRETOR (com alegre surpresa)

Oh, esplêndido! Você sabe estenografar?

O PONTO

Talvez não saiba apontar, mas estenografar... (Dirigindo-se a um dos Ajudantes de contra-regra) Vá ao meu camarim e traga-me papel muito, muito... todo o papel que encontrar.

(O Ajudante sairá correndo e voltará pouco depois, com um bom maço de folhas de papel que entregará ao Ponto.)

O DIRETOR (continuando, ao Ponto)

Siga as cenas, à medida que forem sendo representadas, e procure escrever as falas, ao menos as mais importantes. (Depois, dirigindo-se aos Atores) Vocês saiam daí, por favor. Olhem, vão para aquele lado e prestem bem atenção. (Indicando a sua esquerda.) Fiquem bem atentos!

A PRIMEIRA ATRIZ

Mas, com licença, nós...

O DIRETOR (anticipando-se)

Não terão que improvisar, pode ficar tranqüila!

O PRIMEIRO ATO

E que temos que fazer?

O DIRETOR

Nada! Fiquem ouvindo e vendo, por enquanto. Depois, cada qual terá o seu papel escrito. Agora vamos fazer assim, de qualquer jeito, um ensaio. (Indicando as Personagens) Eles é que o farão.

O PAI (como caído das nuvens, em meio à confusão do palco)

Nós? Um ensaio? Desculpe, mas o que quer dizer?

O DIRETOR

Um ensaio... um ensaio para eles. (Aponta os Atores.)

O PAI

Mas, se nós somos as personagens...

O DIRETOR

Sim, está certo, "as personagens". Mas, aqui, meu caro senhor, quem representa não são as personagens. Quem representa aqui são os atores. As personagens ficam ali, no texto (indica a caixa do Ponto)... quando há um texto!

O PAI

Precisamente! Já que não há e coube aos senhores a sorte de tê-las aqui, vivas, diante de si, as personagens...

O DIRETOR

Ora essa! E queriam fazer tudo sozinhos? Representar, apresentar-se diante do público?...

O PAI  
Sim, é isso: veja, senhor. A nossa expressão . . .

*A ENTEADA*  
Não me referi à senhora, acredite! Dizia por mim mesma, que não me vejo, em absoluto, na senhora. . . é isso. Não sei. . . não. . . não se parece em nada comigo.

*A PRIMEIRA ATRIZ (cortando, com desdem). . .*  
. . . "aquela ali".

*O DIRETOR (à Enteada)*  
Devia sentir-se muito honrada em ser representada por . . .

*A ENTEADA*  
Oh, não! Desculpe, não estou rindo da senhora.

*A PRIMEIRA ATRIZ (indignada)*  
Ninguém ousou, jamais, rir de mim! Exijo que me respeitem, senão vou embora!

*O DIRETOR (irritado)*  
Que é que achou nisso para rir?

*A ENTEADA (divertida)*  
O quê? Como? Eu, aquela ali? (Ri.)

disto. Nós trataremos de encontrar o tom justo. E, no que se refere ao nome, se o senhor quer "Amália", será Amália, ou acharemos outro. Por enquanto, chamaremos as personagens assim. (Ao Galá) Você, o Filho; (à Primeira Atriz) a senhora, é claro, a Enteada.

*O DIRETOR*  
Oh, mas não se preocupe, não se preocupe por causa

com outro som, as minhas próprias palavras. . .  
dizer-lhe. . . Começo já a ouvir como se fossem falsas, tender. (Cada vez mais perturbado.) Não sei mais o que *cará a Mãe* como Amália. Mas o senhor fará como *leve aceno de mão, a Segunda Atriz*. Eu vejo esta (indicando o caso, se deve ser a senhora. . . (Indicando, com E por que não, desculpe, se é assim que se chama? Em

*O PAI*

mã-la pelo seu nome verdadeiro.

*O DIRETOR*  
Mas esse é o nome da sua esposa. Não queremos cha-

Amália, senhor.

*O PAI*

Temos que procurar-lhe um nome.  
péis. (A Segunda Atriz) A senhora será a Mãe. (Ao pai) rindo! (Lembra.) A propósito, é preciso distribuir os papéis. . . (Os Atores, de fato riem.) Ve? Estão Decerto não pensam que sabem representar, não é? Fa-

*O DIRETOR*

E nós então, que é que ficamos fazendo aqui? . . .

*O PRIMEIRO ATOR*

Ah! Garanto-lhes que dariam um belíssimo espetáculo

*O DIRETOR*

Isso mesmo! Assim, como somos.

*O PAI*

também por que o nosso autor, que nos viu vivos, assim, não quis depois compor-nos para a cena. Não desejo, de modo algum, ofender os seus actores, Deus me livre! Mas penso que, ver-me agora representando . . . não sei por quem . . .

O PRIMEIRO ATOR *(levantando-se com alvizez e indolente ao encontro, seguido pelas outras Atrizes jovens, que riem)*  
Por mim, se não lhe desagradar!

O PAI *(humilde e melifluo)*  
Ficaria muito honrado, senhor. *(Inclina-se.)* Mas veja: parece-me que, por mais que se esforce, com toda a sua boa vontade e sua arte, em acolher-me em si . . . *(Hesita, confuso.)*

O PRIMEIRO ATOR  
Acabe, acabe.

*(Riso das Atrizes.)*

O PAI  
Eh! Quero dizer . . . a representação que fará, mesmo pondo em prática todos os recursos de caracterização para ficar parecido comigo . . . acho que, com essa altura . . . *(todos os Atores riem)* dificilmente poderá ser uma representação de mim, como realmente sou. Será, antes — pondo de parte o aspecto — será, mais exata-mente, como lhe parece que sou, como o senhor me sente — se é que me sente — e não como eu me sinto, dentro de mim. E acho que isto deve ser levado em conta por quem for chamado a julgar-nos.

O DIRETOR  
. . . mas que expressão é essa! Pensam que a têm em vocês mesmos, a expressão? Qual nada!

O PAI  
Como? Não temos a nossa expressão? . . .

O DIRETOR  
Qual nada! Aqui ela se torna matéria à qual dão corpo e aspecto, voz e gesto, os actores que, não o esqueça, têm sabido dar expressão a matéria bem mais alta. A de vocês é tão pequena que, caso se mantenha em cena, o mérito — pode crer! — caberá inteiramente aos meus actores.

O PAI  
Não me atrevo a contradizê-lo. Creia, porém, que é um sofrimento horrível para nós que somos assim como nós vê, com este corpo, com este aspecto . . .

O DIRETOR *(cortando impacientemente)*  
Isso se arranja com a caracterização, dá-se um jeito com a maquiagem, meu caro senhor, no que se refere ao aspecto! . . .

O PAI  
Sim, mas a voz, o gesto . . .

O DIRETOR  
Oh! em conclusão: aqui o senhor, tal como é, não pode ser! Aqui está o ator que o representa, e basta!

O PAI  
Compreendi, senhor. E agora comeco talvez a perceber

O DIRETOR

Já está pensando na opinião da crítica? E eu, que ainda estava a escutar! Deixe que a crítica diga o que quiser. E trataremos nós de pôr a peça em pé, se o conseguirmos! (*Afastando-se e olhando em redor*) Vamos, vamos! Já está pronta a cena? (*Aos Atores e às Personagens*) Afastem-se, afastem-se! Deixem-me ver. (*Desce do palco*) Não percamos mais tempo! (*A Enteadada*) Acha que a cena está bem assim? . . .

A ENTEADADA

Eh! . . . Para falar a verdade, eu aqui não me encontro.

O DIRETOR

E voltamos à mesma tecla! Não vai pretender que se lhe construa aqui, tal qual era, aquela mesma saleta que a senhora conhece, no fundo da loja da Madama Pace. (*Ao Pai*) O senhor disse-me que era uma saleta forrada de papel floreado, não foi? . . .

O PAI

Sim, senhor. Branca.

O DIRETOR

Não é branca, é listrada, mas pouco importa. Quanto aos móveis, acho que estamos mais ou menos arranjados. Aquela mesinha, tragam-na um pouco mais para cá, à frente.

(*Os Ajudantes da contra-regra executam a ordem.*)

O DIRETOR (*ao Contra-regra*)

Enquanto isso, providencie um envelope, se possível azul-claro, e entregue-o ao senhor. (*Indica o Pai.*)

O CONTRA-REGRA

De carta?

O DIRETOR E O PAI

De carta, sim, de carta.

O CONTRA-REGRA

Agora mesmo. (*Sai.*)

O DIRETOR

Vamos, vamos! A primeira cena é da Enteadada. (*A Primeira Atriz adianta-se.*) Não, não, a senhora espera. Referia-me à Enteadada. (*Indica a Enteadada.*) A senhora fique vendo . . .

A ENTEADADA (*acrescentando, rápida*)

. . . como eu a vivo!

A PRIMEIRA ATRIZ (*Ressentida.*)

Eu também saberei vivê-la, não tenho dúvida, assim que a começar!

O DIRETOR (*com as mãos na cabeça*)

Meus senhores, vamos parar com esse falatório. A primeira cena, então, é da Enteadada com Madama Pace. Oh! (*Fica confuso, olhando em redor e tornando a subir ao palco.*) E essa Madama Pace?

OS ATORES (*rindo*)  
O manto também?

O PAI  
Oh, nada de mais! Pendurá-los, por um momento, nesses cabides. E alguma, se for tão gentil, que tire também o manto.

(*Os Atores riem.*)

O DIRETOR  
Que quer fazer com os chapêus das senhoras? . . .

O PAI  
Ora, vejamos só! . . .  
Os chapêus? Que esta dizendo? . . . — Para que . . . —

AS ATRIZES (*um pouco perplexas, um pouco rindo em coro*)

O PAI  
Deixe-me dizer-lhe. (*Volitando-se para as Atrizes*) Se as senhoras quisessem fazer-me a fineza de dar-me, por um instante, os seus chapêus . . .

O PAI

Sim! Mas onde?

O DIRETOR

O PAI  
Mas está viva — viva, ela também!

O PAI

E como vamos fazer?

O DIRETOR

O PAI  
Não está conosco, senhor.

O PAI

O PAI  
E depois?  
Deve ser doído! . . .

ALGUMAS ATRIZES (*idem*)

Mas, para quê?  
Só o manto? . . .

O PAI

Para pendurá-los, um momentinho . . . Façam-me esse favor, querem? . . .

AS ATRIZES (*irando os chapêus — e algumas também os mantos — continuam a rir, indo pendu-*

*rá-los cá e lá nos cabides*)

E por que não?

Cá está!

Mas vejamos que é mesmo engragado!

Devemos pô-los em exposição?

O PAI

Isso! Minha senhora — exatamente isso: assim; em exposição!

O DIRETOR

Mas para fazer o que com eles, pode-se saber? . . .

O PAI

Pois não, senhor. Talvez, preparando-lhe melhor a cena, atraída pelos próprios objetos de seu comércio, quem sabe se não surgirá entre nós . . . (*Convidando a olharem para a porta, ao fundo do palco*) Vejam! Vejam! . . .

(*A porta ao fundo do palco se abre e por ela avança, poucos passos, Madama*

*Pace, megera obesa, com uma pomposa peruca de la cor de cenoura e uma rosa flamejante ao lado, a espanhola. Toda pintada, vestida com elegância ridicula e vulgar, de berrante seda vermelha, traz, numa gar, de berrante seda vermelha, traz, numa levantada, seguro entre os dois dedos, o cigarro aceso. Os Atores e o Diretor, mal a vèem, fogem do palco em tropel, soltando gritos de espanto, e precipitam-se pela escadinha abaixo, com o intuito de escapar pelo corredor. A Enteada, entre tanto, corre ao encontro de Madama Pace, humilde, como se estivesse diante de sua patroa.)*

**A ENTEADA (correndo)**

Aqui está ela! Aqui está ela!

**O PAI (radiante)**

E ela! Eu não dizia? Cá está ela.

**O DIRETOR (dominando o primeiro sussto, indignado)**

Mas que truques são estes?

**O PRIMEIRO ATOE (quase ao mesmo tempo)**

Mas onde estamos, afinal de contas?

**O GALÃ (idem)**

De onde saiu aquela ali?

**A INGENHUA (idem)**

Eles a tinham de reserva!

**A PRIMEIRA ATRIZ (idem)**

Mas isto é um jogo de mágica!

**O PAI (dominando os protestos)**

Com licença! Por que querem estragar, em nome de uma verdade vulgar, de fato, este prodígio de uma realidade que nasce, evocada, atraída, formada pela própria cena e que tem mais direito de viver aqui do que os senhores, porque é muito mais verdadeira que os senhores? Que atriz, entre as presentes, fará Madama Pace? Pois bem: Madama Pace é aquela! Concordeirão comigo em que a atriz que a representar será menos verdadeira do que aquela — que é ela em pessoa! Olhem: minha filha a reconheceu e foi logo para junto dela. Fiquem vendo a cena.

*(Hesitantes, o Diretor e os Atores tornam-se a subir ao palco.)*

*Mas, durante o protesto dos Atores e a resposta do Pai, a cena entre a Enteada e Madama Pace já terá começado em voz baixa, pianíssimo, em suma, naturalmente, como não seria possível que acontecesse num palco. De modo que, quando os Atores, chamados a atenção pelo Pai, se voltam para olhar, vèem Madama Pace que já terá posto uma das mãos sob o queixo da Enteada para fazê-la levantar a cabeça, e percebem que ela está falando de maneira absolutamente ininteligível. Ficam por um momento atentos. Depois, logo após, desiludidos.)*

**O DIRETOR**

E então?

*A ENTEADA (em voz baixa, misteriosa)*  
Há alguém que nos ouve, senhor, se ela (indica *Madama Pace*) falar alto!

O DIRETOR (*consternadíssimo*)  
Vai aparecer ainda mais alguém? . . .

(*Os Atores estão para iniciar nova fuga do palco.*)

O PAI

Não, não, senhor. Refere-se a mim. Devo estar à espera, lá atrás daquela porta, e *Madama Pace* o sabe. Por isso, dêem-me licença. Vou para ficar logo no meu lugar. (*Encaminha-se para a porta.*)

O DIRETOR (*fazendo-o parar*)

Não, não, espere. Aqui é preciso respeitar as exigências do teatro! Antes que o senhor esteja pronto . . .

*A ENTEADA (cortando)*

Ah, sim, depressa, depressa! . . . Estou morrendo, garantito-lhe, de impaciência de viver, de viver esta cena. Se ele quiser aprontar-se agora mesmo, eu já estou mais que pronta!

O DIRETOR (*gritando*)

Mas é preciso que se faça, antes, bem clara, a cena entre a senhora e aquela ali. (*Indica Madama Pace.*) Quer fazer o favor de compreender isso?

*A ENTEADA*

Oh, meu Deus, ela me disse o que o senhor já sabe: que,

O PRIMEIRO ATOR  
Mas que estão dizendo?

*A PRIMEIRA ATRIZ*

Assim, não se ouve nada.

O GALA

Mais alto! Mais alto!

*A ENTEADA (deixando Madama Pace, que sorri com um sorriso impagável, e vindo em direção ao grupo dos Atores)*

“Mais alto”, pois sim! Alto o quê? Não são, em absoluto, coisas que se possam dizer alto! Pude eu dizê-las alto para a vergonha dele (*indica o Pai*), que é a minha vergonha! Mas, para *Madama Pace*, é outra coisa, senhores: é a cadeira!

O DIRETOR

Ora essa! Ah! E assim? Mas aqui é preciso que se façam ouvir, minha cara senhora! Nem nós que estamos no palco ouvimos! Imaginem quando estiver o público no teatro! É preciso fazer a cena. E, além do mais, bem que podem falar alto entre si, porque nós não estaremos aqui, como agora, a ouvir. Finjam que estão a sós, num quarto, na saleta dos fundos da loja, onde ninguém as ouve.

(*A Enteadada graciosamente, sorrindo com malícia, faz varias vezes o gesto de não com o dedo.*)

O DIRETOR

Por que não?

rece quase brincadeira, senhor! Não há quem fique sério, ouvindo dizer que é um "viejo senhor" que quer "divertir-se um poquito contigo" — não é verdade, Madama. . . .

**MADAMA PACE**

Viejiño, isso mismo! Viejiño, linda! Mas mejor para ti, que si no te dá gusto, te traz prudência!

**A MÃE** (*insurgindo-se, em meio ao espanto e à consternação de todos os Atores, que não cuidavam nela*

*e agora saltando, ao seu grito, para segurá-la, rindo, pois ela, nesse meio tempo, arrancou a peruca de Madama Pace e jogou-a ao chão*)

Bruxa! Bruxa! Assassina! A minha filha!

**A ENTEADA** (*corre, segura a Mãe*

*Não, não, não, mãe, não! Pelo amor de Deus!*

**O PAI** (*corre ao mesmo tempo*

*Fique quieta, fique quieta! Sente-se!*

**A MÃE**

Mas tirem-na, então, da minha frente.

**A ENTEADA** (*ao Diretor, que também accreu*

*Não é possível, não é possível que mamãe esteja aqui!*

**O PAI** (*também ao Diretor*

*Não podem estar juntas! E por isso — vê o senhor — aquela ali, quando viemos, não veio conosco! Estando juntas, forçosamente se antecipa tudo, compreende? . . .*

mais uma vez, o trabalho de mamãe está mal feito; que o vestido esta estragado e que é necessário que eu tenha paciência, se quero que continue a ajudar-nos, na nossa miséria.

**MADAMA PACE** (*adiantando-se com ar de grande importância*)

E isto, senhor, porque yo nõ quero aproveitar-me. . . .

**O DIRETOR** (*quase aterrorizado*

*O quê? Como? Fala assim? . . .*

*(Todos os Atores desatam a rir fragorosamente.)*

**A ENTEADA** (*rindo também*)

Sim, senhor. Fala assim, meio espanhol, meio em nossa língua, de um modo engragadíssimo!

**MADAMA PACE**

Ah! Nõ me parece de boa educação que se riam de mim, si yo me esfuergo de falar su idioma, como podo, senhor!

**O DIRETOR**

Oh, não! Muito ao contrario. Fale assim, fale assim, minha senhora. Efeito seguro! Não se poderia achar nada melhor para quebrar, com um pouco de comicidade, a crueza da situação. Fale, fale assim! Está ótimo!

**A ENTEADA**

Ótimo! E como não? Ouvir que nos fazem, em tal linguagem, certas propostas. . . . efeito seguro, porque pa-



baixa — modesta ! Vamos ! Fale alto ! Diga-me, com voz  
nova, como quem vem de fora — “Bom dia, senhori-  
nha . . .”

O DIRETOR (que já desceu do palco)

Oh, mas vejiam só ! Afinal, quem é que dirige: a se-  
nhora ou eu ? (Ao Pai, que olha surpreso e perplexo)

Pode sim. Vá lá no fundo, sem sair e volte.

(O Pai executa a indicação, quase ame-  
drontado. Palidíssimo, mas já penetrado  
pela realidade da vida, corre, aproximam-  
do-se do fundo, como alheio ainda ao  
drama que está prestes a desabar-lhe em  
cima. Os Atores ficam imediatamente  
atentos a cena que começa.)

O DIRETOR (baixo, apressado, ao Ponto na caixa)

E você, atenção ! Atenção agora, para escrever !

#### A CENA

O PAI (adiantando-se outra vez)

Bom dia, senhorinha.

A ENTEADA (de cabeça baixa, com repulsa contida)

Bom dia.

O PAI (olha-a um pouco por baixo do chapéu que quase  
lhe esconde o rosto, e, percebendo que ela é ainda  
muito jovem, exclama, quase para si, um pouco  
com satisfação, um pouco também com temor de  
se comprometer numa aventura arriscada)

O DIRETOR  
Não importa ! Não importa. Por enquanto, é como um  
primeiro esboço. Tudo serve, para que eu colha, mesmo  
assim, confusamente, os vários elementos. (Voltando-se  
para a Mãe e conduzindo-a de novo ao seu lugar, para  
fazê-la sentar) Venha, venha, minha senhora, acalme-se,  
acalme-se, sente-se, por favor.

(Entrando a Enteada vai novamente ao  
meio da cena e volta-se para Madama  
Pace.)

A ENTEADA

Então, Madama, vamos começar? . . .

MADAMA PACE (ofendida)

Ah, no ! Tantas graças ! Yo aqui no me fico ni mas um  
momentito, con tua madre presente.

A ENTEADA

Ora, deixe-se disso ! Faça entrar esse “Viejo señor, para  
que se divierta conmigo”. (A todos, imperiosa) Afinal, é  
preciso fazer esta cena ! Vamos, adiante ! (A Madama  
Pace) A senhora, vá embora.

MADAMA PACE

Ah, me voi, me voi, me voi seguramente . . . (Sai furiosa,  
apanhando a peruca e olhando com arrogância os Ato-  
res, que aplaudem, fazendo troça.)

A ENTEADA (ao Pai)

O senhor faça a sua entrada. Não precisa dar a volta.  
Venha cá ! Finja que já entrou. Eu fico aqui, de cabeça

Oh, mas . . . não é a primeira vez que vem cá, não é verdade? . . .

**A ENTREADA (como antes)**  
Não, senhor.

**O PAI**  
Veio alguma outra vez? (E já que a Entreada faz sinal que sim, com a cabeça.) Mais de uma? . . . (Espera um pouco pela resposta. Torna a olhá-la por baixo do chapéu, sorri e depois diz) Então? Vamos! Não devia mais ser assim . . . Dá licença de que lhe tire o chapéu? . . .

**A ENTREADA (rápida, para evita-lo, não contendo a verdade)**  
São  
Não, senhor! Eu mesma o tiro! (Tira o chapéu, apressada, tremula.)

(A Mãe, assistindo à cena com o Filho e os dois menores que são mais seus e permanecem sempre junto dela, no lado oposto ao dos Atores, esta como sobre espinhos e acompanha com expressões várias de dor, de desdém, de ansia, de horror, as palavras e as ações do Pai e da Entreada. Ora esconde o rosto nas mãos, ora deixa escapar alguns gemidos.)

**A MÃE**  
Oh, meu Deus! Meus Deus!

**O PAI (ao ouvir a exclamação, fica como petrificado, durante um longo momento; depois torna a falar com o tom de antes)**  
**BIBLIOTECA MUNICIPAL**  
"Marta Aguiar de A. Nogueira"  
SANTA BARBARA D'ESTE 100

Agora, dê-me. Eu o penduro. (Tira-lhe das mãos o chapéu.) Numa linda, numa adorável cabecinha como a sua, eu gostaria que estivesse um chapéu mais digno dela. Quer ajudar-me a escolher um, depois, entre estes aqui, da Madama? . . . Não? . . .

**A INGENHA (interrompendo)**  
Eh, devagar com isso! Esses chapéus são nossos!

**O DIRETOR (rápido, irritadíssimo)**  
Silêncio, com todos os diabos! Não se faça de engredada! Esta é a cena! (Voltando-se para a Entreada) Queira continuar, por favor!

**A ENTREADA (continuando)**  
Não, obrigada, senhor.

**O PAI**  
Oh, não me diga que não! Vai dar-me o prazer de aceitá-lo, senão, ficarei sentido . . . há uns bem bonitos, veja! E, depois, deixaremos Madama contente. Ela os pôe aqui de propósito, em exposição.  
**A ENTREADA**  
Não, não senhor, olhe: não poderia usá-lo.

Diz isso por causa do que pensariam em sua casa, vendendo-a voltar com um chapéu novo? Ora, sabe como se faz? O que é que se diz em casa?

**A ENTREADA (impaciente, não agüentando mais)**

Não é por isso. Não poderia usá-lo porque estou . . . as-

sim, como o senhor me vê! Já podia ter notado! (*Mostra o vestido negro.*)

O PAI

Ah, de luto! Desculpe-me! É verdade: percebo, agora. Peço-lhe perdão. Acredite que estou verdadeiramente aborrecido.

*A ENTREADA (fazendo-se ousada e esforgando-se por vencer o desdém e a náusea)*

Basta, basta, senhor! Cabe a mim agradecer-lhe, e não ao senhor, aborrecer-se ou afiligrir-se. Não faça mais caso, do que lhe disse, por favor. Também por mim, compreende? (*Tenta sorrir e acrescencia*) É preciso mesmo que eu não me lembre que estou vestida assim.

O DIRETOR (*interrumpendo, falando ao Pontio na caixa e tornando a subir ao palco*)

Espere, espere! Não escreva, deixe fora, deixe fora esta última fala. (*Volitando-se para o Pai e a Entreada*) Está muito bom! Está ótimo! (*Depois, só ao Pai*) Daqui o senhor depois continua, conforme combinamos. (*Aos Atores*) Deliciosa, esta cenazinha do chapéu, não acham?...

*A ENTREADA*

Eh, mas o melhor vem agora. Por que não continuamos?...

O DIRETOR

Tenha paciência, um momento. (*Volitando-se de novo para os Atores*) Temos que fazê-la, naturalmente, com um pouco de leveza...

O PRIMEIRO ATOR

... de desenvoltura.

*A PRIMEIRA ATRIZ*

Sim, sim, não precisamos de mais nada. (*Ao Primeiro Ator*) Podemos ensaiá-la já, não acha?

O PRIMEIRO ATOR

Por mim, estou pronto. Vou dar a volta, para fazer a entrada. (*Sai a fim de ficar pronto para entrar de novo pela porta do fundo do cenário.*)

O DIRETOR (*à Primeira Atriz*)

E agora, pois, veja bem: acabou a cena entre a senhora e aquela Madama Pace, que me encarrego de escrever depois. A senhorita está... Não... aonde vai?

*A PRIMEIRA ATRIZ*

Um momento. Vou pôr o chapéu... (*Vai buscar o chapéu no cabide.*)

O DIRETOR

Ah, muito bem! Então, a senhora está aqui, de cabeça baixa.

*A ENTREADA (divertida)*

Mas... se não está vestida de negro!

*A PRIMEIRA ATRIZ*

Estarei vestida de negro, e com muito mais propriedade que a senhora!

O DIRETOR (*à Entreada*)

Não fale, por favor! E fique vendo! Terá o que aprender...



“Oh! Mas... não é a primeira vez que vem cá... Qual é a sua idade?...”

O PAI (*corrigindo, sem poder conter-se*)  
Não: “qual é sua idade”, não; “não é verdade?”, “não é verdade?”... .

O DIRETOR  
Ele diz: “não é verdade” — interrogação.

O PRIMEIRO ATOR (*indicando o Ponto*)  
Eu ouvi: “qual é sua idade”;

O DIRETOR

Sim, está bem! “Não é verdade” ou “qual é sua idade”, no fim, dá certo. Continue, continue. — Olhe, talvez um pouco menos afetado... . Preste atenção: eu vou fazê-lo para que veja como é... . (*Sobe ao palco de novo e faz o papel desde a entrada*) “Bom dia, senhorinha”.

A PRIMEIRA ATRIZ

“Bom dia”.

O DIRETOR

“Oh!... Mas... .” (*Dirigindo-se ao Primeiro Ator, para fazer-lhe ver o modo como deve olhar a Primeira Atriz, sob o chapéu*.) Surpresa... . temor e satisfação... . (*De pois continua, dirigindo-se à Primeira Atriz*) “Não é a primeira vez que vem cá, não é verdade?” (*Volitando-se de novo para o Primeiro Ator, com um olhar de inteligência*.) Esta clara a explicação?... . (*À Primeira Atriz*) E a senhora, então: “Não senhor”. (*De novo ao Primeiro Ator*) Enfim... . como dizer... . *Souplisse!*

(*Desce do palco.*)

A PRIMEIRA ATRIZ  
“Não, senhor... .”

O PRIMEIRO ATOR  
“Veio alguma outra vez? mais de uma?... .”

O DIRETOR

Não, não, espere! Deixe primeiro que ela (*indica a Primeira Atriz*) faça sinal que sim. “Veio alguma outra vez?... .”

(*A Primeira Atriz levanta um pouco a cabeça, entrecerrando pensadamente os olhos, beça, por aversão, e, depois de ouvir um “Baixe” do Diretor, deixa cair duas vezes a cabeça.*)

A ENTEADA (*sem poder conter-se*)

Santo Deus! (*E leva rapidamente uma das mãos à boca, para impedir o riso.*)

O DIRETOR (*volta-se*)  
O que é?

A ENTEADA (*rápida*)  
Nada, nada!

O DIRETOR (*ao Primeiro Ator*)  
E sua vez, é sua vez, continue.

O PRIMEIRO ATOR  
Mais de uma? Então? Vamos!... Não devia mais ser assim... Dá licença de que lhe tire o chapéu?...

(O Primeiro Ator diz esta última fala com tal tom e acompanhada com tal gesto, que a Enteadada, que ficara com a mão na boca, por mais que se esforce, não consegue conter o riso, o qual lhe explode por entre os dedos, irresistível, estrepitoso.)

A PRIMEIRA ATRIZ (*indignada, voltando ao seu lugar*)  
Ah! Não estou aqui para me fazer de palhaça para essa mocinha aí!

O PRIMEIRO ATOR  
Nem eu tampouco! Acabou-se!

O DIRETOR (*à Enteadada, berrando*)  
Pare com isso! Pare com isso!

A ENTEADADA  
Sim, senhor — perdoe-me, perdoe-me...

O DIRETOR  
A senhora é uma mal-educada. Isso é que a senhora é. Uma presunçosa!

O PAI (*intervindo*)  
Sim, senhor, é verdade, é verdade. Mas desculpe-a...

O DIRETOR (*sobe ao palco*)  
Que quer que desculpe? É uma indecência!

O PAI  
Tem razão, mas creia, acredite, faz um efeito tão estranho...

O DIRETOR  
Estranho? Estranho... o quê? Por que estranho?...

O PAI  
Admito, senhor, admito os seus atores: o senhor, ali (*indica o Primeiro Ator*), a senhora (*indica a Primeira Atriz*), mas, certamente... que quer?... não são nós...

O DIRETOR  
Eh! Acredito! Como quer que sejam "voçês", se são os atores?...

O PAI  
Exatamente, os atores! E ambos interpretam bem os seus papéis. Creia, porém, que a nós nos parece outra coisa, que quer ser a mesma e, no entanto, não é.

O DIRETOR  
Como não é? Que é, então?...

O PAI  
Uma coisa... que se torne deles... e não é mais nossa.

O DIRETOR  
Mas é claro! Tem que ser assim! Já lhe disse isso!

O PAI  
Sim, compreendo, compreendo...

O DIRETOR

E então, basta! (*Aos Atores*) Quer dizer que faremos os ensaios depois, entre nós, como devem ser feitos. Para mim, foi sempre uma maldição ensaiar diante dos autos. Jamais estão satisfeitos! ( *Ao Pai e à Enteadada*) Vamos... Continuemos com vocês... e vejamos se é possível que a senhora não ria mais.

A ENTEADA

Ah, não rirei mais, não rirei mais. Agora vem o melhor para mim, pode ter certeza.

O DIRETOR

Então, quando a senhora diz: "Não faça mais caso, por favor, do que lhe disse... Também por mim, compreende?", (*ao Pai*) é preciso que o senhor ataque logo: "Compreendo, ah! compreendo... e que pergunte imediatamente.

A ENTEADA ( *cortando*)

Como? Pergunte o quê?

O DIRETOR

O motivo do seu luto!

A ENTEADA

Não, senhor, não pode ser. Escute: quando eu lhe disse que precisava não me lembrar que estava vestida assim, sabe o que ele me respondeu? "Ah, está bem! Então vamos tirar, vamos tirar depressa esse vestidinho!"

O DIRETOR

Lindo! Ótimo! Diz isso para mandar o teatro todo pelos ares?

A ENTEADA

Mas é a verdade!

O DIRETOR

Que verdade, faça-me o favor! Aqui estamos no teatro! A verdade, até certo ponto!...

A ENTEADA

Desculpe; mas que quer o senhor fazer, então?

O DIRETOR

Vai ver, vai ver! Deixe por minha conta agora!...

A ENTEADA

Não, senhor! Da minha náusea, de todas as razões, cada qual mais cruel e mais vil do que a outra, e que fizeram de mim "esta" que sou, "assim" como sou, quer o senhor tirar uma chinftrinadazinha romântico-sentimental, em que ele me pergunta o motivo do meu luto, e eu lhe respondo, choramingando, que há dois meses morreu o meu papazizinho? Não, não, meu caro senhor. É preciso que ele me diga o que me disse: "Então, vamos tirar, vamos tirar depressa esse vestidinho!" E eu, com todo o meu luto no coração, com o meu luto de apenas dois meses, fui para lá — esta vendo? — para lá, atrás daquele biombo, e, com estes dedos que me tremem de vergonha e de nojo, desabotoei o corpete, o vestido... .

O DIRETOR ( *com as mãos nos cabelos*)

Pelo amor de Deus! Que está dizendo?...

A ENTEADA ( *gritando frenética*)

A verdade, senhor, a verdade!

cisa conter-se, em seu próprio interesse, acredite, porque  
pode até provocar má impressão, advirto-a, toda essa fu-  
ria dilacerante, essa aversão exasperada, quando a se-  
nhora mesma, desculpe-me, confessou ter estado, antes  
de conhecê-lo, com outros homens, em casa de Madama  
Pace, e por mais de uma vez!

*A ENTEADA (baixando a cabeça, com voz profunda, de-*

*pois de uma pausa)*

E verdade! Mas pense que aqueles outros são também  
ele para mim.

O DIRETOR (*sem entender*)

Como, os outros? . . . Que quer dizer? . . .

*A ENTEADA*

Para quem cai em culpa, senhor, o responsável por todas  
as culpas que se seguem não é sempre o que causou a  
primeira queda? E, para mim, é ele, mesmo antes de eu  
nascer. Olhe-o e veja se não é verdade!

O DIRETOR

Muito bem! E lhe parece pouco o peso de tanto remorso  
sobre ele? Dê-lhe oportunidade de representá-lo!

*A ENTEADA*

E como — permita-me que lhe diga — como poderia  
representar todos os seus "nobres" remorsos, todos os  
seus tormentos "moraes", se o senhor quer poupar-lhe o  
horror de ter encontrado, num belo dia, em seus braços,  
depois de tê-la convidado a tirar a roupa de seu luto re-  
cente, mulher e já caída, aquela menina, senhor, aquela  
menina que ele ia ver sair da escola? . . . (*Diz estas últi-*  
*mas palavras com trêmula comoção.*)

O DIRETOR  
Sim, não nego, será a verdade. . . e compreendo, com-  
preendo todo o seu horror; mas, compreenda, também  
a senhora, que tudo isso não é possível, em cena! . . .

*A ENTEADA*

Não é possível? Então, muito obrigada. Não entro nisso

O DIRETOR

Mas, não . . . veja . . .

*A ENTEADA*

Não entro! Não entro! O que é possível em cena vocês  
dois juntos o combinaram lá dentro. Obrigada! Com-  
preendo muito bem! Ele quer chegar logo à representa-  
ção (*acentuando*) dos seus tormentos espirituais; mas eu  
quero representar o meu drama! O meu!

O DIRETOR (*aborrecido, movendo-se com vivacidade*)

Oh, enfim, o seu! Não é somente o seu, desculpe! E tam-  
bém o dos outros! O dele (*indica o Pai*), o da sua mãe!  
Não é possível que uma personagem venha, assim, dema-  
siado à frente, e se sobreponha às demais, invadindo a  
cena. E preciso mantê-las todas num quadro harmonioso  
e representar o que é representável! Eu também sei que  
cada qual tem toda uma vida dentro de si, e que gostaria  
de exteriorizá-la. Mas o difícil é exatamente isto: extero-  
rizar só aquilo que é necessário em relação aos demais;  
e, apenas com esse pouco, fazer compreender toda a ou-  
tra vida que permanece no íntimo, sem vir à tona! Ah!  
Que cômodo seria, se cada personagem pudesse, num  
belo monólogo, ou . . . sem mais nem menos . . . numa  
conferência, vir despejar, diante do público, tudo o que  
lhe ferve por dentro! (*Bonacheirao, conciliatório.*) Pre-



(A Mãe, ao ouvi-la falar assim, vencida por um impeto de angústia inconsciente manifesta, a principio, por alguns gemidos susfocados, termina num pranto irreprimível. A comoção apodera-se de todos. Longa pausa.)

A ENTEADA (assim que a Mãe começa a acalmar-se, *acrescenta, sombria e resoluta*)

Estamos aqui agora entre nós, ignorados ainda do público. Amanhã, o senhor dará de nós o espetáculo que melhor lhe aprouver, arranjado como bem lhe parecer. Mas, quer ver de verdade o drama? . . . Quer vê-lo estourar de verdade, como é? . . .

O DIRETOR

Oh, sim, não peço outra coisa, para tirar dele, desde agora, tudo quanto for possível.

A ENTEADA

Está bem: faça aquela mãe sair.

A MÃE (*saindo do seu pranto, com um grito*)

Não, não! Não o permita, senhor! Não o permita!

O DIRETOR

Mas é só para ver, minha senhora!

A MÃE

Eu não posso! Não posso!

O DIRETOR

Mas se tudo aconteceu! Não compreendo!

A MÃE  
Não! Acontece agora, acontece sempre! O meu suplicio não é fingido, senhor! Estou viva e presente, sempre, em cada momento do meu suplicio que se renova, vivo e presente, sempre. Mas aqueles dois pequenos, ali — o senhor os ouviu falar? Não podem mais falar! Ainda estão agarrados a mim, para manter vivo e presente o meu suplicio: mas eles, para si mesmos, não existem, não existem mais! E esta (*indica a Enteadada*) fugiu, escapou-se do meu lado e perdeu-se. . . . perdeu-se. . . . Se agora a vejo aqui, é ainda por isso, só por isso, sempre, sempre para renovar sempre, vivo e presente, o suplicio que tenho sofrido também por ela!

O PAI (*solene*)

O momento eterno, como já lhe disse, senhor! Ela (*indica a Enteadada*) está aqui para agarrar-me, immobilizar-me, conservar-me enganchado e suspenso, eternamente, no pelourinho, naquele único momento, fugaz e vergonhoso, da minha vida. Não é coisa à qual ela possa renunciar, nem o senhor pode, verdadeiramente, poupar-me isso.

O DIRETOR

É claro! Não digo que não o represente; constituirá precisamente o núcleo de todo o primeiro ato, até chegar o momento em que ela os surpreende. (*Indica a Mãe.*)

O PAI

Isso mesmo, senhor. Porque é a sentença que me condena: toda a nossa paixão que deve culminar no grito final dela. (*Indica também a Mãe.*)

lado de fora, diante da ribalta, o Diretor  
e o Pai.)

O DIRETOR (olhando para cima, com os braços levanta-  
dos)

Mas que animal! Disse "pano", para indicar que o ato  
deve acabar assim; e me baixam o pano de verdade!...  
(Ao Pai, levantando a beira do pano para entrar no  
palco) Sim, sim, sim, ótimo, ótimo!... Efeito seguro!... É  
preciso acabar assim! Garanto o êxito deste primeiro  
ato!... (Entra com o Pai.)

A ENTEADA

Ainda o tenho nos ouvidos. Aquelle grito me deixou  
louca! O senhor pode representar-me como quiser: não  
importa! Até mesmo vestida, contanto que tenha, ao me-  
nos, os braços — só os braços — nus; porque, veja: es-  
tando assim (aproxima-se do Pai e encosta a cabeça no  
peito dele), com a cabeça apoiada deste modo, e os bra-  
ços em volta do pescoco dele, eu via latejar uma veia  
aqui, no meu braço. E então, como se somente aquella  
veia viva me causasse nojo, cerrei os olhos, assim, assim,  
e afundei a cabeça no seu peito! (Voltando-se para a  
Mãe) Grite, grite, mamãe! (Afunda a cabeça no peito do  
Pai e, com os ombros levantados, como para não ouvir  
o grito, acrescenta, com voz de sofrimento, dilacerante  
e sufocada) Grite, como gritou aquelle dia!...

A MÃE (correndo para separa-los)  
Não! Minha filha! Minha filha! (E depois de tê-la sepa-  
rado dele) Monstro, monstro, é minha filha! Não vê que  
é minha filha?...

O DIRETOR (recuando ao ouvir o grito, até a ribalta, em  
meio ao espanto dos Atores)  
Muito bem, sim, muito bem! E agora, pano, pano!...

O PAI (correndo para o Diretor, excitadíssimo)  
É isso! É isso! Porque foi exatamente assim, meu se-  
nhor!

O DIRETOR (admirado e convencido)  
Sim, sim, neste ponto, sem mais nada! Pano, Pano!...

(Aos gritos reiterados do Diretor, o Ma-  
quinista faz descer o pano, deixando do

Ao reabrir-se o pano, vê-se que os Ma-  
quinistas e Contra-regras desmontaram  
aquele primeiro simulacro de cenário e pu-  
seram em seu lugar um pequeno tanque de  
fonte de jardim.

Num lado do palco, estão sentados, em  
fila, os Atores; no outro, as Personagens.  
O Diretor, ao centro, está de pé, com o pu-  
nho fechado sobre a boca, em atitude de  
meditação.

O DIRETOR (*movendo-se, depois de breve pausa*)  
Bem! Vamos ao segundo ato. Deixem-me fa-  
zer conforme combinamos e tudo vai sair ótimo!

A ENTEADA

A nossa entrada em casa dele (*indica o Pai*), o despeito  
daquela ali! (*Indica o Filho*.)

O DIRETOR (*impaciente*)

Está bem. Mas repito: deixem-me fazer, a mim!

A ENTEADA

Com tal modo que se veja bem claro o seu despeito.

*A MÃE (do seu lugar, meneando a cabeça)*  
Pelo bem que isso nos trouxe . . .

*A ENTEADA (volta-se para ela, de repente)*  
Não importa! Quanto maior o mal para nós, tanto maior o remorso para ele!

*O DIRETOR (impaciente)*  
Compreendi! Compreendi! E levaremos isso em conta, principalmente no início! Pode ficar certa!

*A MÃE (suplicante)*  
Mas, por favor, faça de modo que se compreenda bem, para tranquilidade da minha consciência, que procurei, de todas as maneiras . . .

*A ENTEADA (interrompendo com desdém e continuando)*  
. . . aplacar-me, aconselhar-me que não lhe fosse feita semelhante afronta! (*Ao Diretor*) Faça-lhe a vontade, faça-lhe a vontade, porque é verdade. Eu me divirto muito-simo com isso porque se pode ver, no entanto, que, quanto mais suplice ela se torna, quanto mais intenta penetrar-lhe o coração, tanto mais aquele ali se mantém distante: "au-sen-te!" Que prazer! . . .

*O DIRETOR*  
Mas, afinal, começamos ou não este segundo ato?

*A ENTEADA*  
Não falo mais! Mas veja bem que não será possível desenvolver-lo todo no Jardim, como o senhor quer.

*O DIRETOR*  
Não será possível? Por quê?

*A ENTEADA*  
Porque ele (*indica novamente o Filho*) está sempre fechado no seu quarto afastado! E, além disso, é preciso desenvolver dentro de casa toda a parte daquele pobre rapazinho perdido, como já lhe disse.

*O DIRETOR*  
Sim, mas é preciso compreender também que não podemos pendurar cartõesinhos ou fazer mudanças de cena à vista, três ou quatro vezes por ato!

*O PRIMEIRO ATOR*

Em outros tempos, se faziam . . .

*O DIRETOR*  
Sim, quando o público era talvez como aquela menina . . .

*A PRIMEIRA ATRIZ*  
E a ilusão, mais fácil! . . .

*O PAI (levantando-se de um salto)*  
A ilusão? Pelo amor de Deus! não digam "ilusão!" Não empreguem essa palavra que para nós é particularmente cruel! . . .

*O DIRETOR (espantado)*  
Por quê?

*dica a si próprio e, vagamente, as outras cinco Personagens, não temos outra realidade fora dessa ilusão!*

O DIRETOR (*pasmo, olhando seus Atores, também pasmos*)

Mas como pode ser isso?

O PAI (*depois de tê-los observado por um momento, com um palídeo sorriso*)

Assim, como é! Qual outra poderia ser? Aquela que é para os senhores uma ilusão por criar, para nós, no entanto, a nossa única realidade. *Breve pausa. Avança alguns passos para o Diretor e acrescenta*) E não somente para nós, acredite! Pense bem! (*Olha-nos olhos*) Sabe dizer-nos quem é o senhor? (*E permanece com o indicador apontado para ele*)

O DIRETOR (*perturbado, com leve sorriso*)

Como . . . quem sou? Sou eu!

O PAI

E se lhe dissesse que não é verdade, porque o senhor é eu?

O DIRETOR

Responderia que o senhor é doído!

(*Os Atores riem.*)

O PAI

Têm razão de rir, porque aqui tudo é jogo (*ao Diretor*) e o senhor pode alegar, então, que somente por jogo e aquele cavalheiro ali (*indica o Primeiro Ato*) que é

O PAI

Sim, cruel! Cruel! O senhor devia compreender!

O DIRETOR

E como dizer então? A ilusão por criar, aqui, nos espectadores . . .

O PRIMEIRO ATOR

. . . com a nossa representação . . .

O DIRETOR

. . . ilusão de uma realidade!

O PAI

Compreendo, senhor. Entretanto, talvez o senhor não nos possa compreender. Desculpe-me! Porque, veja — aqui, para o senhor e seus atores — se trata apenas, e é natural, de seu jogo.

*A PRIMEIRA ATRIZ (interrompendo, indignada)*

Que jogo? Não somos jogadores nem estamos aqui para divertir-nos. Representamos a sério.

O PAI

Não nego isso. Retiro-me ao jogo da arte dos senhores, que deve dar justamente uma perfeita ilusão da realidade — como diz o senhor. (*Indica o Diretor.*)

O DIRETOR

E isso, exatamente!

O PAI

Agora, se o senhor considerar que nós, como somos (*in-*

"ele", deve ser "eu", que, vice-versa, sou eu, "este". Vê como o apanhei na armadilha? . . .

(*Os Atores tornam a rir.*)

O DIRETOR (*aborrecido*)  
Mas isto já se disse, ainda há pouco. Vamos recommegar?

O PAI

Não, não. Não queria dizer isso. Ao contrário: eu o convido a sair deste jogo (*olhando a Primeira Atriz como para prevenir*) de arte! — que o senhor costuma fazer aqui, com seus actores, e pergunto-lhe de novo, seriamente: quem é o senhor? . . .

O DIRETOR (*volitando-se para os Atores quase embaçada e, ao mesmo tempo, irritado*)

Oh! Mas olhem que é preciso ser muito caradura! Inculca-se como personagem e vem perguntar-me a mim quem sou!

O PAI (*digno, mas sem soberba*)

Uma personagem, senhor, pode sempre perguntar a um homem quem ele é. Porque uma personagem tem, verdadeiramente, uma vida sua, assinalada por caracteres próprios, em virtude dos quais é sempre "alguém". Enquanto quanto que um homem — não me refiro ao senhor agora — um homem, assim, genericamente, pode não ser ninguém.

O DIRETOR  
Sim, mas o senhor pergunta a mim, que sou o Director! O Chefe da Companhia, compreende? . . .

O PAI (*quase em surdina, com meliflua humildade*)

Apenas para saber se, realmente, tal como é agora, o senhor se vê. . . como vê, por exemplo, na distância do tempo, o que era em outra época, com todas as ilusões que então se forjava; com todas as coisas dentro e em redor de si, como então lhe pareciam — e eram, realmente, para o senhor! Pois bem! Tornando a pensar naquelas ilusões que agora o senhor não mais se forja; em todas aquelas coisas que agora não lhe "parecem" mais como "eram" para o senhor em outro tempo, não sente faltar-lhe, já não digo estas tábuas do palco, mas a própria terra, debaixo dos pés, considerando que, do mesmo modo "este", como o senhor se sente agora, toda a sua realidade de hoje, assim como é, está destinada a parecer-lhe ilusão, amanhã? . . .

O DIRETOR (*sem ter entendido bem, no aturdimento da capciosa argumentação*)

Bem! E que pretende concluir daí?

O PAI

Oh! Nada, senhor. Fazê-lo ver que, se nós (*indica-se e ás outras Personagens*), a não ser a ilusão, não temos outra realidade, é conveniente que o senhor também desconfie da sua realidade, desta que o senhor hoje respira e toca em si, porque — com a de ontem — está destinada a que amanhã descubra que não passa de ilusão! . . .

O DIRETOR (*resolvendo levar em troca*)

Ah, muito bem! E diga, ainda mais que, com esta peça que vem representar aqui, diante de mim, o senhor é mais real e verdadeiro do que eu!

O PAI (com a máxima seriedade)  
Mas não há nisso dúvida alguma, senhor!

O DIRETOR  
Ah, é?

O PAI

Julguei que o tivesse compreendido, desde o princípio.

O DIRETOR

Mais real do que eu?

O PAI

Se a sua realidade pode mudar, de hoje para amanhã. . .

O DIRETOR

Mas se sabe que pode mudar, é claro. Muda continuamente, como a de todos! . . .

O PAI (com um grito)

Mas a nossa, não! Esta vendo? A diferença é esta! Não muda, não pode mudar, nem ser outra, jamais, porque já esta fixada — assim — “esta” — para sempre — (é terrível, senhor!) realidade imutável, que devia dar-lhes um arrepio ao aproximarem-se de nós!

O DIRETOR (de repente, pondo-se diante do Pai, com uma *idéia que lhe surtiu*)

Eu queria saber, porém, quando é que se viu um personagem sair do seu papel e pôr-se a perorar assim, como o senhor esta fazendo, e a propô-lo, a explicá-lo. Pode dizer-me? Eu jamais o vi!

O PAI

Jamais o viu, senhor, porque os autores costumam esconder os tormentos de sua criação. Quando os personagens são vivos, realmente vivos, diante de seu autor, este não faz outra coisa senão segui-los, nas palavras, nos gestos que, precisamente, eles lhe propõem. E é preciso que eles os queira como eles querem ser; e aí dele se não fizer isso! Quando uma personagem nasce, adquire logo tal independência, mesmo em relação ao seu autor, que pode ser imaginado por todos, em outras situações, nas quais o autor nem pensou colocá-lo, e adquirir também, às vezes, um significado que o autor nunca sonhou dar-lhe!

O DIRETOR

Isso eu sei!

O PAI

Então, por que se admira de nós? Imagine, para uma personagem, a desgraça que lhe contei, de ter nascido viva na fantasia de um autor que depois quis negar-lhe a vida, e diga-me se essa personagem, abandonada assim, viva e sem vida, não tem razão de fazer o que estamos fazendo nós, agora aqui, diante dos senhores, depois de tê-lo feito, durante muito tempo, creia, diante dele, para persuadi-lo, para incitá-lo, aparecendo-lhe ora eu, ora ela (indicando a *Enteada*), ora aquela pobre mãe. . .

*A ENTEADA (adiantando-se, como numma alucinação)*

E verdade, eu também, eu também, senhor, para tentá-lo, tantas vezes, na melancolia daquele escritório, ao cair do crepusculo, quando ele, reclinado numma plitrona, não ti-

nha ânimo de decidir-se a dar volta ao interruptor da luz e deixava a sombra invadir a sala e que aquela sombra se agitasse conosco que íamos tentá-lo... (Como se ainda se visse lá, naquele escritório, e a presença dos Atores a aborrecesse.) Se todos os senhores fossem embora! Se nos deixassem sós! Mãe com aquele filho — eu com aquela menina — aquele rapaz, sempre só — em seguida, eu com ele (*Indica o Pai*) e depois eu só, só... — naquela sombra... (*De repente, num salto, como se quisesse agarrar-se à visão que tem diante de si mesma, respandecente naquela sombra e viva.*) Ah! Minha vida! Que cenas, que cenas íamos propor-lhe! Eu o tentava mais do que todos eles...

O PAI

Sim, mas talvez tenha sido por culpa sua, justamente, por sua exagerada insistência, por seus demasiados descomedimentos!

A ENTEADA

Qual nada! Se foi ele mesmo que me quis assim! (*Aproxima-se do Diretor para dizer-lhe confidencialmente*) Eu creio, senhor, que foi antes por desânimo ou por desdém do teatro, tal como o público habitualmente o vê e o quer...

O DIRETOR

Bem, bem, vamos adiante, vamos adiante, por Deus! Chegaremos aos fatos, meus senhores!

A ENTEADA

Eh! Com licença, acho que, em matéria de fatos, o senhor já tem bastantes, com a nossa entrada em casa dele.

(*Indica o Pai*) Disse que não podia pendurar cartões-nhos, nem mudar de cena cada cinco minutos!

O DIRETOR

Sim, é claro! É preciso combiná-los, agrupá-los numa ação simultânea e densa; e não, como pretende a senhora, que quer ver primeiro seu irmãozinho que volta da escola e anda como uma sombra pelas peças da casa, esconde-se atrás das portas para meditar um projeto em que — como foi mesmo, que a senhora disse?...

A ENTEADA

... se dessubstancia, senhor, se dessubstancia todo!

O DIRETOR

Nunca ouvi semelhante palavra! Está bem: "crescendo só nos olhos", não é isso?...

A ENTEADA

Sim, senhor. Ali está ele. (*Mostra-o junto à Mãe*)

O DIRETOR

Muito bem! E, ao mesmo tempo, queria também aquela menina que brinca, alheia a tudo, no jardim. Um em casa, e a outra no jardim... é possível?...

A ENTEADA

Ah! No sol, senhor. Feliz! É minha única recompensa, a sua alegria, a sua festa, naquele jardim; livre da miséria, da desolação de um horrível quarto onde dormíamos todos os quatro — e eu, com ela — eu, imagine! com o horror do meu corpo contaminado, junto dela, que me apertava forte, forte, com seus bracinhos amorosos e ino-



*(Vê-se descer, do alto do palco, um telão branco.)*

O DIRETOR

Branco, não. Eu pedi céu! Não faz mal, deixe; eu arranjo. *(Chamando)* O electricista, apague tudo e dê-me um pouco de luar . . . de luz . . . azul, nas gambiarras. . . e azul, no telão, com o refletor! Assim! Basta!

*(De suas ordens resultou um misterioso cenário lunar, que induz os Attores a moverem-se e a falar como se estivessem, à noite, num jardim sob a lua.)*

O DIRETOR *(à Enteadá)*

Ai está, veja! E agora o rapazinho, em vez de esconder-se atrás das portas dos quartos, poderá andar aqui no jardim, escondendo-se atrás das árvores. Mas a senhora tem de compreender que vai ser difícil encontrar uma menina que faça bem a cena com a senhora, quando lhe mostra as florzinhas! . . . *(Voltando-se para o Rapazinho)* Venha, venha cá! Vamos ver se concretizamos um pouco! *(Vendo que o rapazinho não se move)* Venha, venha! *(Depois, trazendo-o para a frente e procurando fazer com que mantenha a cabeça levantada, que ele, cada vez, baixa mais)* Puxa! Também este rapazinho é um belo trambolho! Mas, como é? Meu Deus! . . . Seria necessário que dissesse ao menos alguma coisa! . . . *(Aproxima-se dele, põe-lhe a mão no ombro e o leva para trás dum rompimento de árvore.)* Venha, venha cá, um pouco; deixe-me ver. . . Esconda-se aqui. . . Assim. . .

centes. No jardim, assim que me via, cortia para segurar-me a mão. As flores grandes, não as via: punha-se, porém, a descobrir as "pititinhas, pititinhas", e queria que eu as visse, fazendo uma festa, numa alegria imensa. *(Dizendo isso, dilacerada pela recordação, rompe num choro longo, desesperado, deixando cair a cabeça nos braços abandonados sobre a mesinha.)*

*(A comoção apodera-se de todos.)*

O DIRETOR *(aproxima-se dela, quase paternalmente, e diz, para consolá-la)*

Faremos o jardim, faremos o jardim, pode estar certa, e vai ficar satisfeita! Reuniremos as cenas ali. *(Chamando pelo nome um Empregado do palco.)* O . . . desga-me uns rompimentos de árvores! Dois ciprestezinhos aqui diante desta fonte!

*(Vêem-se descer do alto do palco dois ciprestezinhos. O Maquinista acode para pregá-los no chão.)*

O DIRETOR *(à Enteadá)*

Fica assim, mais ou menos, por enquanto, para dar uma idéia. *(Torna a chamar pelo nome o Empregado.)* O . . . desga-me, agora, um pouco de céu!

O EMPREGADO *(lá de cima)*

O que? . . .

DIRETOR

Um pouco de céu! Um fundo pequeno, que caia aqui, atrás da fonte!

O PAI  
Deve representar a terrível cena do jardim, com sua mãe!

O FILHO (rápido, resolutivo, ativo)  
Não represento coisa nenhuma! Já o declarei, desde o principio. (Ao Diretor) Deixe-me ir! . . .

A ENTREADA (correndo, ao Diretor)  
Dá licença, senhor? . . . (Fá-lo abaixar os braços que detinham o Filho.) Deixe-o! (Depois, voltando-se para ele, mal o Diretor o deixa) Pois bem, vá embora!

(O Filho dirige-se para a escadinha, mas, como retido por um poder oculto, não pode descer os degraus. Depois, em meio ao estupor e o espanto ansioso dos Atores, move-se lentamente ao longo da rampa, em direção da outra escadinha; chegado ali, porém, fica também inclinado, sem poder descer.)

A ENTREADA (que o seguiu com os olhos, em atitude de desafio, desata a rir)

Não pode, está vendo? Não pode! Deve ficar aqui à força, amarrado à corrente, indissoluivelmente! Mas, se eu, que levanto vós, senhor, quando acontece o que deve acontecer — justamente pelo ódio que sinto por ele, justamente para não vê-lo mais diante de mim — se eu estou ainda aqui e suporto a sua presença e a sua companhia — imagine o senhor se ele pode ir embora, ele que deve, deve ficar aqui, de verdade, com este seu belo pai e aquela mãe ali, que não tem outros filhos a não ser ele. . . . (A Mãe) E vamos, vamos mããe! Venha. . . . (Voltando-se para o Diretor a fim de mostrar-lha) Veja!

ta-se para ver o efeito; e, assim que o Rapazinho executa a ação, em meio do espanto dos Atores que ficam impressionadíssimos, aprova.) Ah! Ótimo, ótimo. . . . (Voltando-se para a Entreada) E que lhe parece, se a Menina, surpreendendo-o assim, a espiar, corresse até ele e lhe arrancasse ao menos algumas palavras? . . .

A ENTREADA (pondo-se de pé)

Não espere que fale, enquanto estiver aqui! (Indica o Filho.) Seria necessário primeiro que o senhor o mandasse embora.

O FILHO (indo firme para uma das escadinhas)

Pois não! Imediatamente! Com o maior prazer! Não peço outra coisa! . . .

O DIRETOR (rápido, detendo-o)

Não! Aonde vai? . . . Espere! . . .

(A Mãe levanta-se, angustiada pelo pensamento de que ele vá embora de verdade e ergue os braços, instintivamente, como para re tê-lo, sem sair, porém, de seu lugar.)

O FILHO (chegado à rampa, ao Diretor que o detém)

Não tenho absolutamente nada que fazer aqui! Deixe-me ir, peço-lhe, deixe-me ir! . . .

O DIRETOR

Como é que não tem nada que fazer?

A ENTREADA (calmamente, com ironia)

Não o detenha! Ele não vai!

se fazem peças. E nós vamos fazer, agora, uma peça. A sério, sabe? Você também... (*Abraça-a, apertando-a ao peito e embalando-a um pouco.*) Ah, meu amorzinho, meu amorzinho, que peça feia você vai fazer! Que coisa horrível pensaram para você! O jardim, a fonte... É fingida, é claro! O mal é esse, querida, que aqui tudo é fingido! Mas talvez você goste mais de uma fonte fingida do que uma verdadeira, para poder brincar, não é? Para os outros será um jogo, mas não para você, infelizmente, que é uma menina verdadeira, amorzinho, e que brinca de verdade, numa fonte verdadeira, linda, grande, verde, com tantos bambus que fazem sombra, refletindo-se nela, e tantos, tantos patinhos que nadam, quebrando aquela sombra. Você quer agarrar um desses patinhos... (*Com um grito que enche todos de espanto*) Não, minha Rosinha, não! Mamãe não se importa com você, por causa daquele canalha de filho! Eu estou com todos os meus demônios na cabeça... E aquele ali... (*Deixa a Menina e volta-se para o Rapazinho, na forma habitual.*) Que está fazendo aqui, sempre com esse ar de mendigo? Será também por sua causa, se aquela menina se atoga; por esse seu modo de ficar assim, como se eu, fazendo-os entrar em casa, não tivesse pago por todos. (*Agarra-o por um braço para obrigá-lo a tirar a mão do bolso.*) Que tem aí? Que está escondendo? Tire para fora, tire para fora essa mão! (*Arranca-lhe a mão do bolso e, com horror de todos, descobre que ela empunha um revólver.* Olha-o um pouco como se estivesse satisfeita e diz depois, sombria) Ah! Onde, como foi que o arranjou? (*E vendo que o Rapazinho, amedrontado, sempre com os olhos arregalados e vazios, não responde*) Bobo, se eu fosse você, em vez de matar-me, mataria um daqueles dois ou os dois: o pai e o filho! (*Leva-o para trás*

só! Tinha se levantado, tinha se levantado para de-tê-lo... (*À Mãe, quase arraindo-a por virtudes mágicas*) Venha, venha... (*Depois, ao Diretor*) Imagine que animo pode ela ter para mostrar aqui, aos seus atores, o que sente; mas é tamanha a sua ansiedade por aproximarse dele que — aí a tem! — vê? — está disposta a viver a sua cena!

(*Esfetivamente, a Mãe se aproxima e, assim que a Enteadada acaba de dizer as últimas palavras, abre os braços para significar que consente.*)

O FILHO (*rápido*) Ah, mas eu, não! Eu, não! Se não posso ir embora, fica rei aqui, mas repito-lhe que não represento nada!...

O PAI (*ao Diretor, exaltado*) Mas, o senhor pode obrigá-lo!...

O FILHO Ninguém pode obrigar-me!...

O PAI

Eu o obrigarei!...

A ENTEDADA

Esperem, esperem! Primeiro, a Menina, na fonte! (*Corre para apanhar a Menina, abaixa-se, dobrando os joelhos diante dela e toma-lhe o rostinho entre as mãos.*) Pobre amorzinho meu, você olha, perdida, com esses olhos tão lindos... Quem sabe onde pensa que está? Estamos num palco, minha querida. Que é um palco?... Pois — esta vendo? — é um lugar onde se brinca a sério, onde

**A MÃE**  
Sim, senhor, no quarto dele, não podendo resistir mais. Para esvaziar-me o coração de toda a angústia que me oprimia. Mas, assim que ele me viu entrar . . .

**O FILHO**

. . . nenhuma cena. Sai, sai, para não fazer uma cena. Porque nunca fiz cenas, compreendeu? . . .

**A MÃE**

E verdade! E assim! E assim!

**O DIRETOR**

Mas é preciso fazê-la agora, essa cena entre ela e ele.

**A MÃE**

Por mim, senhor, aqui estou! Oxalá me desse o senhor o modo de poder falar-lhe um momento, de poder dizer-lhe tudo o que tenho no coração.

**O PAI (aproximando-se do Filho, violentíssimo)**  
Você vai fazê-la, por sua mãe, por sua mãe!

**O FILHO (mais firme que nunca)**

Não faço nada! . . .

**O PAI (agarrando-o pelo peito e sacudindo-o)**  
Por Deus, obedeça! Não ouve como lhe fala? Não tem estranhas de filho? . . .

**O FILHO (agarrando-o também)**

Não, não e não! E acabemos com isto, dumavez por todas!

*do cipreste, de onde estava a espilar; toma depois a Menina e a põe dentro da fonte, fazendo-a deitar, de modo que fique oculta. Finalmente, deixa-se cair ali, com o rosto entre os braços apoiados no rebordo da fonte.)*

**O DIRETOR**

Muito bem! (*Dirigindo-se ao Filho*) E, ao mesmo tempo . . .

**O FILHO (com desdém)**

Que ao mesmo tempo! Não é verdade, senhor! Não houve cena alguma, entre mim e ela. (*Indica a Mãe.*)  
Faga com que ela mesma lhe diga como foi.

*(Entrante, a Segunda Atriz e o Galã apartaram-se do grupo dos Atores e puseram-se a observar, com muita atenção, a Mãe, que está na sua frente, e o Filho, para poderem, depois, representar seus papéis.)*

**A MÃE**

Sim, é verdade, senhor. Eu tinha entrado no quarto dele.

**O FILHO**

No meu quarto, compreendeu? Não no jardim!

**O DIRETOR (ao Galã e à Segunda Atriz)**

Esta bem. Saíam da frente deles.

**O FILHO**

É inútil. Eu não me presto!

**O DIRETOR**

Fique calado agora, e deixe-me ouvir sua mãe. (*A Mãe*)  
Então? Tinha entrado? . . .

(Comoção geral)

(A Mãe, aterrorizada, procura inter-  
por-se para separá-los.)

A MÃE

Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus! . . .

O PAI (sem largá-lo)

Deve obedecer! Deve obedecer! . . .

O FILHO (lutando com ele e, por fim, jogando-o ao chão,  
perto da escadinha, com horror de todos)

Mas que frenesi é esse que lhe deu? Não tem pudor de  
trazer, diante de todos, a sua vergonha e a nossa? Eu  
não me presto! Não me presto! E interpreto, assim, a  
vontade daquele que não quis trazer-nos para a cena!

O DIRETOR

Mas se vieram! . . .

O FILHO (apontando para o Pai)

Ele. Eu, não!

O DIRETOR

E você também não está aqui?

O FILHO

Foi ele que quis vir, arrastando-nos a todos e prestan-  
do-se até a combinar lá, junto com o senhor, não só  
que realmente aconteceu, mas, como se não bastasse, o  
que nunca se passou! . . .

O DIRETOR  
Mas diga, diga você ao menos o que se passou! Diga-o  
a mim! Saiu do seu quarto, sem dizer nada? . . .

O FILHO (hesitando)

Nada. Precisamente para não fazer uma cena.

O DIRETOR (instigando)

Bem, e depois? Que fez?

O FILHO (em meio à angustiosa atenção de todos, an-  
dando alguns passos pelo proscênio)

Nada . . . Atravessando o jardim . . . (Interrompe-se,  
sombrio, aborrido.)

O DIRETOR (inclinando-o cada vez mais a falar, impres-  
sionado pela sua reserva)

Atravessando o jardim . . . ?

O FILHO (exasperado, escondendo o rosto com um braço)

Mas por que quer fazer-me falar, senhor? É horrível!

(A Mãe treme toda, com gemidos sufo-  
cados, olhando para a fonte.)

O DIRETOR (baixo, percebendo aquele olhar, volta-se  
para o Filho, com crescente apreensão)

A menina? . . .

O FILHO (olhando para a fonte, na sala)

Lá, na fonte . . .

O PAI (arrasado, indicando piedosamente a Mãe)

E ela o seguita, senhor!

(Todos, exceto o Diretor e o Pai, que permaneceu arrastado perto da escadilha, saíram por trás do telão descido, que faz de céu, e ficam lá um momento, murmurando angustiosamente. Depois, por um e por outro lado do telão, voltam à cena os Atores.)

A PRIMEIRA ATRIZ (entrando pela direita, penalizada) Morreu! Pobre menino! Morreu! Oh! Que coisa, meu Deus!...

O PRIMEIRO ATOR (entrando pela esquerda, rindo) Morto o quê! Ficção, ficção! Não acredite!...

OUTROS ATORES (pela direita) Ficção? Realidade! Realidade! Está Morto!

OUTROS ATORES (pela esquerda) Não! Ficção! Ficção!...

O PAI (levantando-se e gritando entre eles) Mas que ficção! Realidade, realidade, senhores! Realidade!...

(E sairá também, desesperadamente, por trás do telão.)

O DIRETOR (não podendo conter-se) Ficção, realidade! Vão todos para o diabo que os carregue! Luz! Luz! Luz!

(De repente, todo o palco e toda a sala do teatro resplandecem, inundados por vivíssima luz. O Diretor respira, como libertado de um pesadelo, e todos se olham nos olhos, atônitos e confusos.)

O DIRETOR (ao Filho, com ansiedade) E então, você?...

O FILHO (lentamente, olhando para diante de si) Acudi, precipitei-me para tirá-la de lá... Mas, de repente, parei, porque atrás daquelas árvores vi uma coisa que me gelou: o Rapazinho, o Rapazinho que estava ali, quieto, com olhos de louco, a olhar, na fonte, a irmãzinha afogada.

(A Enteadada, que permaneceu curvada junto da fonte para ocultar a Menina, responde com um eco do fundo, soluçando perdidamente.)

(Pausa.)

Tratei de aproximar-me; e, então...

(Atrás das árvores, onde o Rapazinho estava escondido, reboa um tiro de revólver.)

A MÃE (com um grito lancinante, correndo com o Filho e todos os Atores, em meio ao tumulto geral) Filho! Meu filho! (Depois, entre a confusão e os gritos desconexos dos outros) Socorro!... Socorro!...

O DIRETOR (em meio aos gritos, procurando abrir caminho, enquanto o Rapazinho é levantado pelos pés e pela cabeça e levado para fora, por trás do telão branco) Feriu-se? Feriu-se, de verdade?...

Ah! Jamais me tinha acontecido coisa semelhante! Fizem-me perder o dia! (Olha o relógio.) Podem ir, podem ir. Que mais querem fazer agora? . . . Muito tarde para recomençar o ensaio. Até logo à noite! . . .

(E, apenas os Attores terdo saído cumprimentando-o.)

O electricista, apague tudo! . . .

(Não acaba de dizê-lo e o teatro cai na mais densa escuridão.)

Eh, que é isso? . . . Deixem-me acesa ao menos uma lâmpada, para ver onde ponho os pés! . . .

De repente, por trás do telão branco, como por erro de ligação, acende-se um reflector verde, que projeta, grandes e destacadas, as sombras das Personagens, excetuadas a do Rapazinho e a da Menina. O Director, ao vê-las, foge do palco, espavorido. Ao mesmo tempo, apaga-se o reflector por trás do telão branco, e o palco torna a iluminar-se como azul noturno de antes.

Lentamente, pelo lado direito do telão, adiantam-se, primeiro, o Filho, seguido pela Mãe, com os braços estendidos para ele; logo, o Pai, pelo lado esquerdo. Deitem-se no meio do palco, como formas de ahucimações. Vem, por último, a Enteada, pela esquerda, correndo em direcção de

uma das escadinhas, para um momento no primeiro degrau, a olhar os outros três, e logo, apressadamente. Corre através do corredor. Deitem-se, mais uma vez, e torna a rit, olhando os três que ficaram lá em cima. Desaparece da sala e torna a rit ainda, ouvindo-se, desde o foyer, a sua risada. Pouco depois desce o pano.